

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DISTINTIVIDADE ÓTIMA E IDENTIDADE SOCIAL  
EM GRUPOS RELIGIOSOS**

**Jorge Catarino**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Área de Especialização em Cognição Social Aplicada**

**2020**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DISTINTIVIDADE ÓTIMA E IDENTIDADE SOCIAL  
EM GRUPOS RELIGIOSOS**

**Jorge Catarino**

**Dissertação orientada pelo Prof. Dr. José Manuel Palma-Oliveira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Área de Especialização em Cognição Social Aplicada**

**2020**

*“Echoes of past events nudge the tiller on my present course.  
I await its reflection in the future.”*

**Scorcher, AT**

Enquadramento Teórico .....	11
Nature vs Nurture.....	13
Identidade Social.....	18
Auto-categorização.....	20
Entitividade.....	21
Distintividade Ótima.....	22
Religião e Autoestima.....	25
O Conflito Religioso.....	27
O Presente Estudo.....	31
Objetivos.....	32
Método .....	34
Resultados e Discussão.....	37
Identificação com o grupo.....	38
Diferenciação.....	40
Perceção de Maioria/Minoría.....	45
Correlação de Pearson.....	49
Análise de Tabulações Quadradas.....	50
Discussão Geral.....	70
Análise de Correlações .....	71
Identificação com o grupo .....	73
Diferenciação .....	74
Perceção de Maioria/Minoría .....	77
<i>Itens de Resposta Aberta</i> .....	59
Considerações Finais.....	84
Limitações do Estudo e Estudos Futuros .....	86
Referências Bibliográficas.....	89

## Índice de Figuras

<i>Figura 1. Modelo da Distintividade Ótima.....</i>	<i>22</i>
<i>Figura 2. Média das estimativas de frequência da Identificação com o grupo nos grupos da Religião Cristã Evangélica e Cristã Católica.....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 3. Média das estimativas de frequência da Diferenciação no grupo que se declarou como pertencentes à Religião Cristã Evangélica e no grupo que se declarou como pertencente à Religião Cristã Católica.....</i>	<i>40</i>
<i>Figura 4. Média das estimativas de frequência da Diferenciação do grupo declarado como pertencente à Religião Cristã Evangélica e do grupo declarado como pertencente à Religião Cristã Católica, para o género Género Masculino e Feminino.....</i>	<i>41</i>
<i>Figura 5. Média das estimativas de frequência da Percepção de Maioria/Minoria nos grupos da Religião Cristã Evangélica e Cristã Católica.....</i>	<i>45</i>
<i>Tabela 1. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 4.....</i>	<i>50</i>
<i>Tabela 2. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 6.....</i>	<i>53</i>
<i>Tabela 3. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 7.....</i>	<i>56</i>
<i>Tabela 4. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.1.1.....</i>	<i>59</i>

<i>Tabela 5. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.3.2.....</i>	<i>63</i>
<i>Tabela 6. Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.4.1.....</i>	<i>66</i>

## Índice de Anexos

Anexo A - Questionário: Distintividade Ótima e Identidade Social em Grupos Religiosos.....	94
Anexo B - Tabela de Categorização das Respostas ao Questionário.....	99
Anexo C - Consentimento Informado.....	161

## Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, pelo apoio dado, pela oportunidade dada e pelo voto de confiança que depositaram em mim, embora eu sinta sempre que poderia fazer melhor pelo orgulho e esperança que depositam em mim. Agradeço vos imenso, por tudo até hoje.

Agradecer ao meu orientador, o Professor José Manuel Palma-Oliveira, pelo entusiasmo que partilhou comigo acerca deste tema que auto-propus para dissertação, por todo o conhecimento que me transmitiu, além de professor, um amigo, pois sempre senti que a formalidade da interação aluno-professor era posta de lado em qualquer circunstância.

À Raquel que me ajudou imenso, me chamou à razão e me acompanhou neste percurso.

Por último e não menos importante, agradecer à Carolina, por todo o apoio emocional, pelo desvendar de um futuro desconhecido e incerto a cada dia, pela necessidade de entendimento acerca de nós mesmos e pelo apoio nesta fase.

Obrigado a todos os que me rodeiam, aos meus amigos, família e àqueles que estão presentes e que já não estão, por tudo o que sou hoje, nunca vos esquecerei, sou negligente e distraído, mas relembrem-me que existem quando estiver imerso no meu mundo. Sairei dele para vos abraçar.

Obrigado.



## Resumo

A religião é um fenómeno complexo com várias vertentes de estudo, sendo passível de ser estudado à luz de teorias da Psicologia Social. A Teoria da Distintividade Ótima e a Teoria da Identidade Social revelam que, em grupos sociais, a identificação do indivíduo com o grupo (*in-grupo*) depende de duas necessidades opostas, a de assimilação (inclusão do *self* e de outros em categorias constituídas por características comuns) e a de diferenciação (exclusão de outras categorias da definição do *self*), sendo que a inclusão e a dimensão do grupo social influenciam a satisfação destas necessidades. Assim, na presente investigação, considera-se a aplicabilidade das teorias mencionadas, em contexto religioso, considerando grupos religiosos como constituindo grupos sociais em termos dos mecanismos que subjazem a identificação com o in-grupo, a diferenciação em relação ao out-grupo e a perceção da dimensão do in-grupo. Desta forma, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a membros de dois grupos religiosos, através de um questionário, com o intuito de compreender a influência dos mecanismos referidos, que subjazem o funcionamento dos grupos sociais, em grupos religiosos, procurando explorar as diferenças entre minoria e minoria, bem como entre os géneros masculino e feminino. Os resultados revelaram que a identificação com o grupo está ligada ao tamanho do grupo, relacionada com a religiosidade e que influencia a diferenciação em relação ao *out-grupo*. Futuramente, uma análise tendo em conta o papel da idade na religiosidade, poderia revelar uma melhor compreensão de como pode o contexto temporal das experiências vivenciadas pelo indivíduo, influenciar a fé e a religiosidade.

*Palavras-chave: identidade social; distintividade óptima; diferenciação; assimilação; perceção de dimensão do grupo; identificação com o grupo; religiosidade*

## Abstract

Religion is a complex phenomenon with many study approaches, being susceptible of being studied considering the theories of Social Psychology. Optimal Distinctiveness Theory and Social Identity Theory show that, in social groups, in-group identification depends on two opposite needs, assimilation (the inclusion of self and others in categories with common features) and differentiation (exclusion of categories from the definition of self), considering that inclusion and social group size influence the satisfaction of those needs. Therefore, the present investigation, considers the application of the mentioned theories, in religious context, considering religious groups as being social groups in terms of the mechanisms that underlie in-group identification, the differentiation regarding the out-group and the in-group dimension perception. Semi-structured interviews were conducted to members of two religious groups, by means of a questionnaire, having the objective of learning the influence of the mentioned mechanisms which underlie the functioning of social groups, in religious groups, exploring the differences between minority and majority, as well as between female and male genders. Results revealed that in-group identification is connected to group size, related with religiousness and that it influences differentiation regarding the out-group. In the future, an analysis considering the role of age in religiousness, could provide a better learning about how time context of past experiences lived can influence faith and religiousness.

*Key-words: social identity; optimal distinctiveness; differentiation; assimilation; group size perception; in-group identification; religiousness*

## Enquadramento Teórico

A fé é considerada por muitos religiosos e não-religiosos como a crença em algo transcendente, algo superior ou divino, seja extrínseco ou intrínseco, que muitas vezes surge como a personificação da ânsia por resposta às dúvidas mais elementares e primordiais do ser humano, desde a existência de consciência, bem como algo que confere ordem, organização e sentido à nossa existência enquanto seres humanos. “Por que razão existimos enquanto seres humanos?”, “Como foi formado o universo?”, ou em épocas mais primordiais “O que é um relâmpago?” ou “Por que razão o mar fica agitado durante a tempestade?”, sendo estas apenas uma pequena parte da colossal quantidade de questões a que procuramos responder sobre nós e sobre os fenómenos do mundo e do universo.

Anteriormente à procura pela emergência de uma explicação fenomenológica, existe a religião como uma possível explicação ou como algo que poderá conferir resposta ou pelo menos satisfazer a incansável curiosidade humana e a busca pelo sentido da existência. A religião confere e, ao longo da história conferiu, ordem e organização a inúmeras sociedades de seres humanos, através dos valores subjacentes ao suposto funcionamento justo e ordenado de uma sociedade, através da crença, através do cumprimento de regras impostas por ensinamentos ou conhecimentos religiosos, através da ameaça de punição no caso de incumprimento destas regras ou da agência em sentido oposto às mesmas, através da difusão da concepção destes valores das mais variadas formas e diferentes interpretações, através da prática de rituais e costumes religiosos, entre outras formas de exercer impacto na sociedade e nos indivíduos que nela se inserem. A palavra “religião”, como referido por Smith (1963, citado por Wulff 1997), refere-se de um modo geral a algo que influencia o comportamento e a vontade

do indivíduo, algo que garante obediência, seja através de recompensa ou ameaça de consequências. A religião é definida por Smith (1979, citado por Wulff, 1997), de um modo sucinto, como a resposta total do indivíduo a si próprio, aos outros e ao universo, constituindo uma capacidade para perceber para além do mundano e palpável, uma capacidade de sentir através de uma dimensão transcendente. Uma religião constitui, assim, um sistema de crenças, de práticas, simbologias, rituais, além de uma estrutura social. Por outra perspetiva, Woodhead (2012) salienta a importância da influência da religião na sociedade, afirmando que a religião pode exercer influência e modificar ou realçar as distribuições de poder existentes na sociedade, mencionando que existe uma “ordem de género” na sociedade, em que o poder não está igualmente distribuído. Woodhead (2012) refere esta “ordem de género”, com o intuito de realçar que a religião influencia e é parte constituinte da mesma, referindo também que este aspeto é levado a cabo através de práticas religiosas, materiais ou com conotação simbólica. Neste sentido, torna-se relevante salientar a posição do género em relação à fé e verificar a possível existência de diferenças de género a nível religioso, na sociedade, quer no grau de religiosidade, quer no papel que cada género representa, coexistindo com a visão religiosa da sociedade, com os princípios religiosos e com a influência exercida pela religião. Neste sentido, é necessário considerar a posição dos géneros perante a religião e religiosidade, sendo que, de acordo com estudos demográficos realizados por Pew Research Center (2016), a identificação com a religião e com o grupo religioso é superior no género feminino em relação ao género masculino. No entanto existem diferenças nesta distribuição atendendo ao grupo religioso em questão, verificando-se maior número de indivíduos do género feminino que reportam maior identificação com o grupo religioso nas religiões Budista, Cristã e Judaica. Relativamente ao Ateísmo e Agnosticismo, ou seja à não ligação com qualquer grupo religioso, os indivíduos do

género masculino encontram-se de um modo geral em superioridade numérica, tendo sido considerados 192 países de todo o mundo, neste estudo.

É demonstrado que a participação na adoração também encontra diferenças tendo em conta a religião e o género, nomeadamente na religião muçulmana existe maior participação na adoração por parte de indivíduos do género masculino, enquanto na cristã existe maior participação na adoração do género feminino, existindo países onde ocorre uma igualdade numérica (Pew Research Center, 2016). Considera-se que os indivíduos do género feminino exercem uma maior religiosidade de um modo geral, sendo que existe maior concentração deste padrão em sociedades cristãs, maioritariamente na Europa e América do Norte, no entanto considerando outras religiões e territórios, verifica-se que estes resultados nem sempre se verificam.

Para compreensão destes dados demográficos que revelam que, de um modo geral, os indivíduos do género feminino demonstram maior religiosidade, será necessário perceber que fatores subjazem estas diferenças de género, sendo que, existe uma dicotomia, um debate de perspetivas entre fatores biológicos e genéticos e fatores sociais e do ambiente. Seguidamente são explicitadas algumas das perspetivas que procuram explicar esta diferença na identificação com a religião e a prática da religiosidade.

#### *Nature vs Nurture – Teorias Explicativas das Diferenças de Género*

Existem várias teorias que procuram explicar e justificar esta tendência geral na diferença de géneros considerando a participação religiosa e a identificação com a religião e grupo religioso. De uma forma geral, estas teorias definem-se por justificações de acordo com a genética, traços de personalidade e diferenças de

propensão ou aversão ao risco entre género, em contraste com explicações baseadas em factores sociais, como a evolução da integração e participação da mulher no trabalho.

Neste sentido, Stark (2002) aponta para a existência de factores fisiológicos, nomeadamente os níveis de testosterona, que subjazem as diferenças de género na prática de crimes, considerando a postulação de que, como a prática de crimes, a ausência de religiosidade poderá também estar relacionada com os mesmos factores fisiológicos, devido ao fator comum da existência comportamento de risco. Ou seja, existe maior propensão para correr riscos por parte de indivíduos do género masculino do que feminino, relacionando com este tipo comportamento, em contexto religioso, a propensão para correr o risco de enfrentar eventuais consequências ligadas à ausência de prática religiosa.

Hoffmann e Miller (1995) revelam uma teoria relacionada com a referida anteriormente. Sendo que propõem que as diferenças de género em termos de preferência pelo risco estão também relacionadas com a religiosidade dos indivíduos, considerando as hipótese de que os indivíduos do género feminino tendem a possuir maior aversão ao risco e por isso demonstram maior religiosidade e de que a preferência pelo risco influencia a religiosidade considerando indivíduos do mesmo género e comparando os géneros masculino e feminino. Neste estudo, a prática religiosa é considerada ligada à aversão ao risco e a não prática religiosa é associada à preferência por correr risco, pois a prática religiosa expressa intenção de evitar uma punição (e.g. castigo para a eternidade) e a não prática religiosa expressa correr o risco de enfrentar ou não essa punição. Concluiu-se que a preferência pelo risco prevê significativamente a religiosidade em ambos os géneros e que apresenta diferenças significativas entre géneros no que toca à religiosidade, embora pouco acentuadas (Hoffmann & Miller, 1995).

Tendo em conta uma abordagem que exclui a influência de fatores biológicos nas diferenças de género, Bruce e Trzebiatowska (2012) consideram uma abordagem sócio-cultural do papel da mulher na sociedade, em contraste com o do homem, tendo por base a influência de fatores sociais, como a exclusão da mulher de posições de liderança. É afirmado que as diferenças de género resultam de diferenças sociais, devido ao papel da mulher enquanto figura materna e cuidadora responsável pelo nascimento e educação de crianças e a importância que dá ao corpo e à saúde e doença. Bruce e Trzebiatowska (2012) referem que as mulheres exercem uma maior prática religiosa que os homens e que a fé terá maior importância para as mesmas, no entanto, em sociedades onde o papel do homem e da mulher se aproximam e existe uma prática religiosa menos acentuada, verifica-se uma atenuação da diferença entre géneros em termos de religiosidade.

Considerando também o papel da mulher na sociedade, De Vaus e McAllister (1987) realçam a integração da mulher no mundo do trabalho como um fator determinante da intensidade com que o género feminino confere importância à religiosidade, mais especificamente, é verificado que a diferença de género, em que a mulher confere maior importância à religiosidade, não se deve à existência do papel de cuidadora, nem à importância dada à família pela mulher. Esta diferença religiosa deve-se à participação no trabalho, sendo que, mulheres que possuem um trabalho a tempo inteiro dão menos importância à religiosidade, em comparação com as que não integram a força laboral. Em consonância com o verificado por Bruce e Trzebiatowska (2012), a aproximação do papel do homem e da mulher representa uma atenuação da diferença de género, mais especificamente, caso exista uma igualdade de proporção de ambos os géneros na força laboral, na amostra. Complementando os resultados deste estudo, é referido que as mulheres que possuem altos rendimentos do trabalho, são menos

religiosas, a diferença de género, em termos de religiosidade, é inexistente entre indivíduos de ambos os géneros, quando ambos possuem altos rendimentos (Schnabel, 2016).

Poderá considerar-se também que a própria religião pode constituir um obstáculo para o género feminino e representar uma causa para a diminuição da religiosidade feminina, tendo em consideração uma abordagem que remete para a existência de diferenças na distribuição de poder de ambos os géneros na sociedade. Especificamente, a transformação da identidade feminina, devido à necessidade de obtenção de independência e da integração na força laboral, levou a que o Cristianismo tradicional, mantendo a importância da tradicional identidade feminina, apoiasse e perpetuasse a desigualdade na distribuição de poder na sociedade, não revelando apoiar esta nova identidade feminina (Woodhead, 2008). É afirmado que este aspeto, causa um decréscimo da religiosidade feminina.

Numa perspetiva que considera a influência de ambos os fatores, ambientais e genéticos e sua interação, Bradshaw e Ellison (2009) procuram demonstrar que o debate *nature vs nurture* constitui uma falácia, devido à igual importância de fatores. É afirmado que as influências biológicas possuem uma variabilidade dependente de fatores de contexto ambiental e que o fator biológico, por si só, apenas explica apenas 20% a 30% da variabilidade entre géneros na prática religiosa. Sendo demonstrado que os fatores genéticos dependem das influências ambientais, podendo manifestar-se a um nível de acentuação variável, consoante estas influências, e que uma direção oposta de influência também é possível, ou seja, que a influência ambiental poderá variar tendo em consideração o carácter genético do indivíduo (Boomsma et al., 1999; Jaffee et al., 2005; Shanahan & Hofer, 2005, citado por Bradshaw & Ellison, 2009).



Dados os estudos considerados e teorias, é necessário ter em conta uma implicação revelada por Thompson (1991) através de um estudo em que procuravam verificar se uma orientação intrínseca para o género feminino por parte do indivíduo seria relevante para a influência na variabilidade da religiosidade. Os resultados deste estudo demonstraram que a religiosidade será mais influenciada por uma orientação feminina do que a própria pertença ao género feminino. Assim, é concluído que a existência ou inexistência de orientação feminina ou de traços femininos predizem com mais precisão a religiosidade do indivíduo do que o próprio género.

Como verificado, através da consideração de várias perspectivas acerca da variabilidade da religiosidade consoante o género, não existe um consenso acerca dos fatores que subjazem estas diferenças, parecendo que, considerar a interação entre todos os fatores, ambiental, social e genético será talvez a forma mais precisa de explicar as diferenças em relação à religiosidade. De qualquer modo, parece não existir uma certeza concreta acerca de quais os fatores que influenciam estas diferenças.

No entanto, é também necessário procurar explicar de que forma o fenómeno religioso se expressa dentro da sociedade de uma forma transversal ao género, de que forma os grupos religiosos exercem um maior ou menor compromisso com a prática da fé e que fatores subjazem esse compromisso e essa identificação com a fé e o grupo religioso, que põe em prática a religiosidade com maior ou menor acentuação.

Considerando esta variabilidade, Teorias da Psicologia Social, como a Teoria da Distintividade Ótima (Brewer, 1991) e a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974) poderão explicar, de que forma a religiosidade varia, considerando a sua expressão em grupos sociais, através da identificação com o grupo e diferenciação com outros grupos. Neste sentido, é necessário compreender estas teorias explicativas do funcionamento de grupos e categorias sociais, para que seja possível realizar uma ligação com a religião,

especificamente com grupos religiosos enquanto grupos sociais, sendo que também integram a sociedade e poderão ter subjacentes mecanismos que subjazem o funcionamento de grupos sociais.

### *Identidade Social*

A Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974) postula que um indivíduo ocupa um lugar numa sociedade na qual estão compreendidas várias categorias sociais que se relacionam entre si e diferem em poder e estatuto. A identidade social surge quando o indivíduo se considera pertencente a uma categoria social, ou seja, quando se define a si próprio tendo em consideração a sua integração numa categoria social, podendo integrar um grupo. Os membros de grupos sociais são identificados devido à partilha de características relevantes. É neste sentido que ocorre a categorização social, quando as pessoas percecionam outros indivíduos como membros de um grupo ao invés de indivíduos singulares. A categorização social é uma forma de lidar com a diversidade dos outros de forma eficiente e apropriada, além de que serve também o propósito de estabelecer ligações com outras pessoas (Smith, Mackie & Claypool, 2015).

As diferenças entre indivíduos compreendidos dentro de uma categoria grupal são percecionadas como menores do que em relação aos restantes indivíduos que não integram a categoria, podendo haver comparação de diferenças entre indivíduos exteriores ao grupo e diferenças entre indivíduos do mesmo grupo (e.g., McGarty, Turner, Hogg, David, & Wetherell, 1992, citado por Leonardelli & Toh, 2015). Quando as diferenças entre indivíduos de um grupo são menores do que as diferenças em relação aos indivíduos exteriores ao grupo, é identificada uma categoria, para que exista contraste. Neste sentido, as diferenças constituem características, representando uma dimensão de comparabilidade, como género, etnia, idade, religião etc., podendo não

consistir apenas em diferenças física, mas também comportamentais ou ideológicas, entre outras (e.g., Heit & Nicholson, 2010; Bliuc, McGarty, Reynolds, & Muntele, 2007, citado por Leonardelli & Toh, 2015). As categorias sociais poderão, assim, surgir e ser baseadas em múltiplas características (e.g., Arcuri, 1982; Biernat & Vescio, 1993; Brewer, Ho, Lee, & Miller, 1987; Crisp & Hewstone, 2006, 2007; Stangor, Lynch, Duan, & Glass, 1992, citado por Leonardelli & Toh, 2015). Pode também existir um exagero da categorização social acerca das semelhanças dentro de grupos e diferenças entre grupos, podendo dar origem à estereotipização (Smith, Mackie & Claypool, 2015). A estereotipização constitui assim uma forma exagerada de várias características, podendo ser negativos ou positivos, por vezes representam diferenças entre grupos, no entanto, de forma exagerada, outros revelam bastante imprecisão nessa representação (Smith, Mackie & Claypool, 2015).

Um grupo é, assim, conceptualizado como um conjunto de indivíduos que se percebem a si próprios como membros da mesma categoria social, que partilham envolvimento emocional, representando uma entidade cognitiva que revela ter significado para o indivíduo (Tajfel, 1974). Desta forma, a identidade social constitui, parte do auto-conceito de um indivíduo devido à pertença a estes grupos sociais, juntamente com o significado emocional que a pertença ao grupo representa para o indivíduo. Neste sentido, o indivíduo pretende integrar um grupo que evoque conotação positiva para que exista um auto-conceito positivo, pretendendo também alcançar uma identidade social positiva. No entanto, os grupos ou categorias sociais e a pertença aos mesmos podem tanto estar associados a conotação positiva como negativa de acordo com a avaliação acerca do grupo, realizada no interior do grupo ou por outros grupos exteriores, contribuindo para a identidade social do indivíduo. Uma identidade social positiva é baseada em comparações do *in-grupo* com *out-grupos* de relevância, sendo

que o *in-grupo* deve ser percebido como diferenciado de forma positiva (Tajfel & Turner, 1979). Caso exista insatisfação com a identidade social, considerando a integração num grupo que possa estar conotado com identidade negativa, poderá existir a tentativa de abandono da pertença ao grupo, uma “desidentificação” psicológica com o grupo (em que o indivíduo procura pôr fim à continuação da identificação com o mesmo, percebendo-se como um membro atípico, por exemplo), uma dissociação do grupo (através de procurar ignorar e reduzir a pertença ao mesmo) (Smith, Mackie & Claypool, 2015), a procura da integração noutro grupo mais positivamente distinto ou então de tornar o *in-grupo* mais positivamente distinto. Neste sentido, a existência de discriminação em relação a *out-grupos* representa a tentativa e necessidade de tornar o *in-grupo* mais positivamente distinto por forma a garantir uma identidade positiva, bem como autoestima (Tajfel & Turner, 1979).

#### *Auto-Categorização*

O indivíduo num contexto intergrupar tende a perceber-se a si próprio como diferente de outros de acordo com características diferentes identificadas. Neste sentido, pode exercer três tipos diferentes de auto-categorização, consoante as características do próprio, de outros ou quando ambas demonstram a existência de meta-contraste.

A categorização intergrupar (*in-grupo* em relação ao *out-grupo*), em que o meta-contraste é verificado em considerando as características do indivíduo e as características dos outros, pertencentes ao *in-grupo* e *out-grupo*, formando categorias de características acerca dos dois grupos; a categorização *ingroup only*, em que o indivíduo identifica os outros indivíduos como semelhantes a si mesmo em relação a características do interesse de si próprio, percebendo assim categorias no *in-grupo*, não identificando características que não são semelhantes a si nos outros indivíduos, ou

seja, não formando categorias diferenciadas em relação a si, não existindo a emergência de comparação usando diferenciação; e a categorização do *out-grupo*, em que o meta-contraste tem incidência sobre as características dos outros, mas não em relação às características do próprio indivíduo, ou seja, os indivíduos que são tidos como diferentes do sujeito são percebidos como uma categoria de *out-grupo*, agrupando os indivíduos que pertencem a esta categoria como semelhantes numa dimensão (Leonardelli & Toh, 2015). A categorização poderá constituir um meio para a definição de algo, neste caso a descrição e associação entre um grupo e as características em comum e diferentes entre os indivíduos que o integram, sendo que indivíduos pertencentes a uma categoria social terão uma maior definição, perceptivamente (Bruner, 1958, citado por Leonardelli & Toh, 2015).

Desta forma, poderá existir uma relação entre categorização e entitatividade, sendo que a categorização poderá aumentar a percepção de um grupo como entidade.

### *Entitatividade*

A entitatividade consiste na percepção de um grupo como sendo uma entidade, como tendo uma organização e coesão e funcionando como uma unidade, um sistema semelhante a um organismo, o qual é percebido como tendo o estatuto de existência real devido à semelhança e proximidade entre elementos constituintes, nomeadamente os indivíduos de um grupo e as características semelhantes dos mesmos, que compõem as categorias que o define (Campbell, 1958). No caso de indivíduos indiferenciados que não pertencem a um grupo com uma categoria definida, poderão ser vistos como um *out-grupo* indiferenciado em comparação com o grupo do indivíduo perceptor. A identidade social forma uma ligação social e psicológica do indivíduo ao grupo ou estrutura social, sendo mediadora e moderadora das percepções acerca do grupo. Neste

sentido, a percepção de entitatividade, a identificação com o grupo, a diferenciação grupal e a inclusão representam factores fulcrais de influência na identidade social do indivíduo e na sua auto-estima (Spears et al., 2004).

A entitatividade, segundo Campbell (1958), contempla a existência de factores que definem a intensidade da percepção de entitatividade, como a estrutura interna do grupo, o grau de interdependência entre os indivíduos que constituem o grupo, os atributos comuns (sendo estes propriedades dos indivíduos, como traços e atitudes), os objectivos comuns, ideologias ou intenções (tendo estes uma fundamentação mais psicológica), e a essência do grupo, que poderá ter base psicológica, mas também física ou material (Rothbart & Park, citado por Spears et al. 2004). Neste sentido, uma forma em que poderá existir comparação de grupos é considerando o grau em que estes são percecionados como entidades coerentes, sendo que, será mais provável percecionar um grupo religioso desta forma do que um agregado de pessoas que apenas estão a caminhar proximamente (Lickel et al. 2000). Campbell (1958) refere que entitatividade de grupo é este grau em que um agregado de pessoas é percecionado como estando ligados no interior de uma unidade coerente.

### *Distintividade Ótima*

A Teoria da Distintividade Ótima de Brewer (1991) postula que a percepção acerca da variabilidade do grupo varia em função do tamanho do mesmo, podendo este constituir uma maioria ou uma minoria. Neste sentido, existem duas necessidades fundamentais que são opostas e inerentes aos indivíduos, que necessitam ser satisfeitas, sendo afetadas pelo tamanho do *in-grupo*, nomeadamente a inclusão no grupo em que o indivíduo se insere, tendo em conta as semelhanças com os outros indivíduos do mesmo grupo, e a diferenciação em relação a outros, especificamente em relação aos indivíduos

exteriores ao grupo.

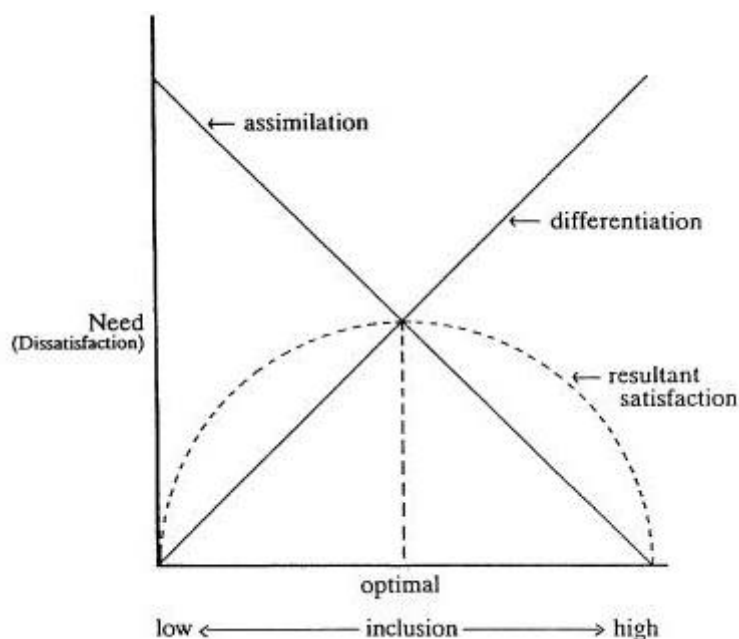


Figura 1. Modelo da Distintividade Ótima

Na figura acima está representado o Modelo da Distintividade Ótima de Brewer (1991). De acordo com este modelo, o *self* sofre influência de duas necessidades opostas, a de assimilação (que consiste na inclusão do *self* e de outros em categorias definidas por características comuns) e a de diferenciação (sendo a exclusão de outras da definição do *self*). Brewer (1991) postula que um grupo ou categoria social consegue alcançar estas duas necessidades opostas consoante o nível de inclusão do grupo em questão, ou o número de pessoas que poderão pertencer a determinada categoria. Como referido, o tamanho do grupo exerce influência: sendo um grupo maioritário irá ser alcançada a assimilação, no entanto irá custar a insatisfação da necessidade de diferenciação; sendo um grupo minoritário, irá ser alcançada a necessidade de diferenciação, custando a insatisfação da necessidade de assimilação. Existindo uma posição em qualquer dos extremos da dimensão “inclusão”, é considerado uma ameaça para a auto-estima e sentimento de segurança pessoal. Encontrar-se altamente

individualizado (não incluído em qualquer grupo ou categoria, ser único) representa isolamento e estigmatização, ativando a necessidade oposta, no sentido da identificação com o grupo, enquanto no extremo oposto, a total desindividualização, não confere existência de possibilidade de comparação, bem como auto-definição, ativando a necessidade oposta no sentido da individualização.

A posição de equilíbrio, designada como distintividade óptima, é alcançada através da identificação com categorias ou grupos sociais com nível de inclusividade moderado, sendo o grau de satisfação da necessidade de diferenciação e assimilação iguais.

Considerando que grupos majoritários possuem menor satisfação da necessidade de diferenciação, existe a necessidade de criar grupos subordinados para que existam grupos de tamanho menor. Desta forma, a percepção de variabilidade do *in-grupo* e, conseqüentemente, a percepção de diferenciação dentro dos grupos subordinados é aumentada. Estes grupos têm maior possibilidade de satisfazer ambas as necessidades supramencionadas, a assimilação com o *in-grupo* e a diferenciação em relação ao *out-grupo*, aumentando a identificação com o *in-grupo* e as semelhanças no seu interior conseqüentemente. A pertença a uma minoria pode constituir uma ameaça à auto-estima, ameaça que é contrariada pelo aumento das semelhanças com o *in-grupo*, maioritariamente no que diz respeito a atributos positivos (Brown, 1987), citado por Spears et al. 2004), aumentando a coesão no interior do grupo e a identificação dos indivíduos com o *in-grupo*. Tendo em conta que a pertença à minoria será mais saliente, os membros de um grupo minoritário categorizam-se como membros do grupo e não tanto como indivíduos singulares, percebendo-se, assim, em termos de atributos ou características partilhados socialmente pelo grupo, havendo uma tendência maior para a existência de auto-estereotipização do que em grupos majoritários, visto que as



categorias inerentes ao grupo estão mais presentes na identidade dos indivíduos devido a uma maior saliência do grupo (Simon & Hamilton, 1994).

É, assim, através da integração num grupo otimamente distinto, nomeadamente o caso de minorias com um grau de inclusão moderado, que é mais facilmente satisfeita a necessidade de diferenciação e assimilação, devido à distinção existente em relação a *out-grupos*, e inclusão no interior do grupo simultaneamente.

Através da Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974), e da Teoria da Distintividade Ótima (Brewer, 1991), é possível explicar o fenómeno religioso à luz da Psicologia Social, procurando compreender de que forma a identidade social dos indivíduos de um grupo religioso se traduz em religiosidade, de que forma a posição de um grupo religioso entre as duas necessidades, de assimilação e de diferenciação se expressam em maior ou menor identificação com o grupo, de que forma a auto-estima e o auto-conceito influenciados pela pertença a um grupo social, podem estar susceptíveis a mutabilidade sendo que o grupo social é, neste caso, um grupo religioso. Os estudos a seguir apresentados demonstram a possível relação existente entre a religiosidade e identidade social, sendo que demonstram a influência da religiosidade na auto-estima e auto-conceito, podendo desde já considerar que esta influência se dá, atendendo às teorias mencionadas, devido à identificação com um grupo que é percebido como tendo uma identidade positiva.

### *Religião e Auto-Estima*

Admite-se uma relação entre auto-estima, auto-conceito, bem-estar psicológico e participação religiosa. Uma maior participação no grupo religioso estará associada a uma maior identificação dos indivíduos com o grupo religioso em questão, o que se

traduzirá num grau mais elevado de bem-estar psicológico (Greenfield & Marks, 2007). Esta participação religiosa está também associada a um auto-conceito mais positivo por parte dos indivíduos, bem como um nível mais positivo de auto-estima e auto-eficácia, ou seja, quanto maior o compromisso religioso do indivíduo no interior do grupo, mais positiva será a percepção de auto-eficácia e auto-estima do mesmo, como verificado por Krause (1995) num estudo realizado com população de faixa etária mais idosa. Neste sentido, Krause e Wulff (2005) investigaram como surge a percepção de pertença a uma congregação, sendo que esta surge através da associação com uma igreja, ou seja, o compromisso e presença regular nesse local de adoração específico, sendo mais provável a continuidade da prática de adoração nesse local. Deste modo, haverá uma maior possibilidade de receberem apoio de indivíduos que frequentam o mesmo local de adoração, o que conseqüentemente irá conferir aos indivíduos um sentimento de pertença à congregação em questão, que está associado a uma maior satisfação com a própria saúde individual.

Um estudo de Ellison (1993) acerca da relação entre o envolvimento religioso e auto-percepção, especificamente, auto-estima e domínio sobre assuntos pessoais, desenvolvido com a participação de indivíduos afro-americanos, demonstrou também que a auto-estima tende a ter níveis superiores com uma maior participação no grupo religioso, no entanto verificou-se que a participação religiosa pública tende a criar impacto negativo na auto-estima relacionando-se com baixa atractividade física.

Smith, Weigert e Thomas (1979) realizaram um estudo em que se hipotetizava um relação positiva entre a auto-estima na adolescência e a religiosidade, tendo sido realizado com participantes integrantes de cinco culturas diferentes, nomeadamente nos Estados Unidos da América, na América do Sul, em Porto Rico e em Espanha, considerando a verificação do papel do género na relação entre estas variáveis, sendo

que era esperado que a relação entre auto-estima e religiosidade se apresentasse com maior acentuação em indivíduos do género feminino. Os resultados confirmaram a hipótese de que existe uma relação entre auto-estima e religiosidade na amostra. No entanto as diferenças de género apenas tiveram uma ligeira confirmação nas amostras de Porto Rico e Espanha.

De uma forma geral, a perceção de inclusão é influenciada pelo compromisso e participação num grupo religioso específico estando associada a uma melhoria no bem-estar psicológico e autoestima, bem como na saúde, sendo que é definida pela identificação do indivíduo com o grupo religioso.

Enquanto a religiosidade pode representa um benefício para a auto-estima e o auto-conceito, através da identificação do indivíduo com o grupo e considerando a existência de uma identidade positiva do grupo religioso, o contrário também se pode verificar, caso existam formas extremadas de diferenciação do *in-grupo*, em relação a outros grupos, como a existência de discriminação. Como referido anteriormente, a discriminação surge na tentativa e necessidade de tornar o *in-grupo* mais positivamente distinto, para que se alcance uma identidade e autoestima, por sua vez, positivas (Tajfel & Turner, 1979).

### *O Conflito Religioso*

Neste sentido, as religiões podem representar um instrumento de legitimação de conflitos e guerras, bem como perpetuação ou prolongamento dos mesmos. É de salientar a existência deste carácter dicotómico da religião, pois representa toda esta ordem referida, a paz, a concórdia e a justiça, no entanto também é caracterizada por representar a causa de conflitos, por vezes usando narrativas acerca de entidades que

irão empregar vingança e intervir em conflitos ou criando-os, algo que terá como consequência o agravamento e irracionalização de guerras, bem como a existência de extremismo associado (Pires, 2018).

Na maioria dos casos, não é possível considerar que existe uma liberdade de escolha na religião, é algo muitas vezes definido desde a infância, existe desde logo uma sequência de práticas de integração na religião e o facto de pretender recusar integrar e negar a prática ou o envolvimento nestas práticas representa algo no seio da religião (Pires, 2018). Tal como conhecemos da História, a recusa da pertença ou prática da religião poderá significar heresia, desrespeito, assim como a pertença ou identificação com outra religião. A existência de intolerância para com as diferentes práticas religiosas, a negação à liberdade de escolha, a discriminação inter-individual e intergrupar em relação à prática (ou não prática) da religião e à crença numa religião diferente pode representar consequências opostas aos benefícios que as religiões propõem providenciar, considerado ser o de garantir a união, a ordem e a paz.

Pode considerar-se uma perspectiva mais focada na História, de forma específica, considerando vários exemplos, para se compreender que esta discriminação e intolerância com base religiosa, levou a associação da religião a várias guerras. É possível considerar a existência de exemplos atuais, a existência de terrorismo com base na religião islâmica, por exemplo, a existência de atentados suicida premeditados em função da crença numa religião de forma extrema e violenta, a existência de homicídios em defesa de algo inerente à crença e em função de uma entidade religiosa ou de ensinamentos que se adquiriram através da crença extrema numa religião ou também, através da coerção exercida por grupos ou indivíduos extremistas religiosos em outros indivíduos (e.g. o treino de crianças-soldado), por exemplo.

No entanto, assim como na atualidade, é possível considerar exemplos de épocas passadas. Consideremos as guerras passadas na Europa, que tiveram como consequência, em algumas sociedades (e.g. a sociedade francesa), a necessidade de marginalização de organizações religiosas da vida pública com o intuito de delimitar a influência da religião na sociedade, devido a representar uma origem de intolerância, irracionalidade, discriminação extrema e prejudicialidade à ordem social que se pretendia (Stilwell, 1995). Tendo em consideração estas guerras ocorridas no continente europeu, mais especificamente, as Cruzadas em nome do Cristianismo, Horowitz (Hassner e Horowitz, 2010) afirma que a religião representa um papel causal e constitutivo, tendo influência não só na origem, mas também no prolongamento das Cruzadas, considerando a existência de uma influência mútua entre religião e guerra, admitindo que a religião poderá ter sofrido alterações devido a estes conflitos. Referindo-se a “prolongamento” das Cruzadas, Horowitz (Hassner e Horowitz, 2010) realça que o elevado número de derrotas, custos e falhas provocaram a perda de entusiasmo para a continuação destas guerras, mas que, a existência de persistência da instituição católica da época, prolongaram a realização de Cruzadas através da convicção genuína dos indivíduos, através da fé, de redes de relações sociais e do poder de influência da igreja católica.

É assim realçada a possibilidade da plausibilidade de que as Cruzadas Católicas representam um exemplo útil para uma relação de causalidade em que a religião e fatores subjacentes de influência, poderão ter impacto no comportamento de crentes em altura de conflito (Horowitz, 2009). Dado o facto de que as Cruzadas Católicas tiveram a duração de cerca de 500 anos, desde a primeira Cruzada no final do século XI até à segunda metade do século XVI, Horowitz (2009) afirma ser impossível compreender a persistência destas guerras durante tantos séculos sem primeiro efectuar uma

compreensão da devoção religiosa dos participantes nestas guerras e das instituições. Horowitz (2009) considera, assim que a capacidade de ignorar os custos, derrotas e falhas como um fator determinante de que a vertente instrumental e material (inerente às perdas e custos) não representava uma motivação primária ao contrário da fé e da identificação com a religião e a causa defendida, a “devoção” que menciona.

Neste sentido, é dado realce à existência de fundamentalismo religioso, considerado tanto o exemplo da atualidade referido (terrorismo, e.g. tendo base na religião islâmica) como o exemplo da História (as Cruzadas), em que os seguidores de determinada religião a seguem de forma fanática, literal e conservadora, com possibilidade de radicalização, chegando a existir militarização e provocação de conflitos. O fenómeno do extremismo e fundamentalismo religioso, de acordo com as teorias referidas da Psicologia Social, pode, de igual, modo caracterizar-se pela existência de categorias partilhada pelos membros de um grupo, categoria que garante a coesão do grupo através da identificação dos indivíduos com o mesmo. No entanto, dado o extremismo, os indivíduos revelam uma identificação com o grupo muito elevada, considerando a identificação extrema e o fanatismo pela ideologia ou religião, como uma das categorias comuns, logo a diferenciação em relação a membros do out-grupo será extremamente elevada também, traduzindo-se no comportamento terrorista. Neste sentido, o comportamento terrorista constitui uma forma de realizar uma distinção positiva entre *out-grupo* e *in-grupo*, em função do *in-grupo*, considerando *out-grupos* de relevância para que a distinção seja mais saliente e positiva, tendo sempre como objetivo primário a obtenção de uma identidade positiva para que exista uma autoestima positiva, sendo que este o princípio de intencionalidade que subjaz a discriminação, a obtenção de autoestima positiva.

### *O Presente Estudo*

Tendo em conta a revisão de literatura efetuada, é possível estabelecer uma relação entre o fenómeno religioso e o funcionamento de grupos sociais considerando as teorias mencionadas e a posição do indivíduo, que se assume como religioso, enquanto pertencente a um grupo social, nomeadamente o grupo religioso a que afirma pertencer. Assim, na seguinte investigação, grupos religiosos de participantes que se identificam com a religião Cristã Evangélica e Cristã Católica representam os grupos sociais em estudo de forma a considerar o funcionamento de grupos religiosos de acordo com as teorias que caracterizam e descrevem o funcionamento de grupos sociais, a Teoria da Distintividade Ótima e a Teoria da Identidade Social.

A aplicação de um questionário semi-estruturado forneceu informação acerca das diferenças que caracterizam estes grupos religiosos e a verificação de possível existência de diferenças no que toca a género. Especificamente, a compreensão de possíveis diferenças ao nível da identificação com o grupo religioso e da diferenciação em relação a *out-grupos*, supondo que serão mais elevadas no grupo religioso pertencente à Religião Cristã Evangélica, bem como a compreensão da perceção do próprio grupo em termos de dimensão, sendo que o grupo identificado pertencente à religião Cristã Evangélica constitui um grupo minoritário e o grupo identificado como pertencente à religião Cristã Católica constitui um grupo maioritário.

Através de questões que requerem resposta aberta para desenvolvimento, procurou-se obter informação que requer maior definição e detalhe para obtenção de uma melhor compreensão acerca das características dos grupos, nomeadamente compreender melhor a identificação com o grupo pelos participantes, a diferenciação e a categoria comum representada em ambos os casos, a religiosidade.

## Objetivos

O presente estudo terá como objectivo avaliar a identificação com o grupo, a diferenciação intergrupar e a percepção de dimensão do grupo por parte dos grupos de participantes que se afirmam pertencentes à religião Cristã Evangélica e do grupo de participantes que se afirmam pertencentes à religião Cristã Católica, de acordo com os pressupostos mencionados na literatura, sendo que o grupo pertencente à religião cristã católica representa um grupo maioritário e o grupo pertencente à religião cristã evangélica representa um grupo minoritário, considerando o contexto de Portugal.

O presente estudo tem, assim, como objetivo procurar compreender a distribuição das variáveis “Religião” e “Género” considerando as variáveis dependentes “Identificação com o grupo”, “Diferenciação” e “Percepção de Maioria/Minoria”.

Neste sentido, o primeiro objetivo deste estudo será avaliar a identificação com o *in-grupo* por parte dos grupos religiosos, sendo esperado que os indivíduos que se declaram pertencentes à religião Cristã Evangélica demonstrem um nível mais elevado de identificação com o grupo, comparativamente aos indivíduos declarados como pertencentes à religião Cristã Católica (Hipótese 1). Pelo facto de constituírem uma minoria, em Portugal, poderá existir a coexistência de níveis moderados de assimilação e diferenciação, o que se poderá traduzir num grau mais elevado de religiosidade e identificação com o grupo, enquanto o grupo religioso maioritário terá a existência de um nível superior de assimilação e inferior de diferenciação, o que poderá significar menor religiosidade e identificação com o grupo.

O segundo objetivo deste estudo será avaliar a diferenciação em relação ao *out-grupo* por parte dos referidos grupos religiosos, sendo esperado que os indivíduos que se declaram pertencentes à religião Cristã Evangélica demonstrem um nível mais elevado de diferenciação comparativamente aos indivíduos declarados como



pertencentes à religião Cristã Católica (Hipótese 2). Visto o primeiro constituir uma minoria e, como mencionado, se encontrar mais próximo de satisfazer as necessidades de assimilação e diferenciação em simultâneo. Desta forma, considera-se a possibilidade de os indivíduos do grupo minoritário exercerem uma procura mais acentuada de possuir uma identidade positiva relativamente a *out-grupos* e que, por isso, demonstrem maior grau de diferenciação.

O terceiro objetivo, prende-se com a intenção de verificar qual é a perceção dos grupos acerca da dimensão do *in-grupo*, sendo expectado que o grupo religioso dos participantes que se identificam como pertencentes à religião Cristã Evangélica se auto-avaliem como integrantes de um grupo mais próximo da minoria, em contraste com o grupo de participantes que se identificam como pertencentes à religião Cristã Católica (Hipótese 3). Considera-se a possibilidade de esta perceção de dimensão ter em consideração a perceção de inclusão do grupo, a diferenciação e a semelhança entre os membros do grupo.

O quarto e último objetivo, consiste em verificar se o género feminino exerce uma maior religiosidade, como verificado na literatura, através de níveis superiores de identificação com o grupo e diferenciação. Espera-se que existam diferenças de género em todas as dimensões, em que o género feminino revela maior acentuação na identificação com o grupo e na discriminação (Hipótese 4).

## Método

### Participantes

A recolha de dados da amostra em questão foi realizada de forma presencial nos locais de adoração em que se encontravam os participantes e através do uso da plataforma de *software* Qualtrics. Durante a recolha de dados presencial, os participantes estiveram sempre acompanhados.

A amostra é composta por 123 participantes, dos quais, 66 pertencentes ao grupo religioso de participantes que se identificam como pertencentes à religiões Cristã Evangélica e 57 pertencentes ao grupo religioso de participantes que se identificam como pertencentes à religião Cristã Católica, sendo que, da totalidade de participantes, 54 pertenciam ao Género Masculino e 69 pertenciam ao Género Feminino.

### Instrumento

O instrumento utilizado consiste num questionário com questões de avaliação da identificação com o grupo, diferenciação e percepção da dimensão do grupo, tendo em conta a Teoria da Distintividade Ótima (Brewer, 1991) e a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974). Este questionário teve adaptação de Bernardo (2011). Neste sentido, o questionário contém uma primeira questão introdutória com o objetivo de dar contexto ao participante sobre a temática a ser abordada e três questões de condução para resposta ao item seguinte (nomeadamente, 3.1, 3.2 e 9.3). O questionário é composto por 17 questões de resposta classificativa (incluindo uma questão com intuito apenas introdutório), utilizando escala de Likert de 7 pontos; por 3 questões de resposta dicotómica (sendo duas de condução para item seguinte, e uma agregada a um item qualitativo), e 7 de resposta aberta para desenvolvimento (incluindo uma questão apenas de carácter introdutório para contextualização). Os itens da questão 5 (5.1, 5.2, 5.3, 5.4 e 5.5) e da questão 8 (8.2, 8.3, 8.4, 8.5) dirão respeito à escala de “Identificação com o

grupo”, constituindo uma escala representativa da identidade social dos indivíduos dos grupos; os itens 9.1, 9.2 e 9.4.1 dirão respeito à escala “Diferenciação”, constituindo uma escala representativa da diferenciação dos indivíduos em relação a *out-grupos*, considerando o grupo a que pertence; e os itens 2. e 3.3 dirão respeito à escala “Perceção de Maioria/Minoridade, constituindo uma escala representativa da percepção da dimensão do grupo.

### **Procedimento**

Os participantes concordaram participar no estudo após a leitura do consentimento informado, além de serem informados acerca do âmbito da investigação.

O presente estudo contemplou uma fase experimental, sendo que foi pedido o preenchimento de um questionário aos participantes que se identificaram como pertencentes a uma das duas religiões (Cristã Católica e Cristã Evangélica) e dos géneros masculino e feminino com o apoio e utilização da plataforma *Qualtrics*. Neste sentido, ocorreu o preenchimento *online* deste questionário e a posterior recolha dos dados através da plataforma mencionada. Foi também efetuado o preenchimento e recolha dos dados de forma presencial de parte dos questionários, devido a dificuldades em alcançar membros que se identificavam como pertencentes à religião Cristã Evangélica, o grupo considerado minoritário, tendo em consideração o contexto de Portugal. No questionário foi apresentada uma questão introdutória de contextualização acerca do papel da religião na sociedade, seguida de itens baseados nas escalas de compreensão da Identificação com o grupo, Discriminação, e Perceção de Maioria/Minoridade, itens dicotómicos para orientação da resposta que os sucedia e itens de

resposta aberta para resposta de desenvolvimento e justificação após questões colocadas.

### Design

O estudo contemplou a existência de um design experimental com manipulação interparticipantes, com duas variáveis independentes (VI), ambas com dois níveis, 2 Religião (Cristã Evangélica vs Cristã Católica) x 2 Género (Masculino vs Feminino). As variáveis dependentes (VD) consistiram em Identificação com o grupo, Discriminação e Perceção de Maioria/Minoria.

## Resultados e Discussão

A análise dos dados foi realizada com recurso à plataforma de *software* PSS (versão 26). Foi encontrado um *outlier* nos resultados de uma das escalas, nomeadamente a escala “Identificação com o grupo” que diz respeito aos itens de identificação do indivíduo com o grupo, tendo sido eliminado da análise por ter uma diferença de valor superior a 3 desvios padrão da média de respostas ( $M= 6.53$ ,  $DP= 0.898$ ). As análises realizadas contam assim com um total de 123 participantes do Género Feminino (69) e Masculino (54) e que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica (57) e à Religião Cristã Católica (66).

### *Análise Fatorial Exploratória*

Foram criadas escalas correspondentes a três grupos de itens do questionário aplicado, nomeadamente, a escala “Identificação com o grupo”, composta por 9 itens dizendo respeito aos itens de identificação do indivíduo com o *in-grupo*), a escala “Diferenciação”, composta por 3 itens (dizendo respeito à diferenciação feita pelos indivíduos em relação a *out-grupos*), e a escala “Perceção de Maioria/Minoria”, composta por 2 itens (dizendo respeito à perceção do tamanho do *in-grupo*). Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória com rotação Varimax, que deu destaque à existência destes 3 fatores.

Após a realização da análise fatorial, realizou-se uma análise de confiabilidade das escalas onde se verificaram os seguintes resultados: Identificação com o grupo,  $\alpha=0.96$ ; Discriminação,  $\alpha=0.86$ ; Perceção de Maioria/Minoria,  $\alpha=0.82$ . De acordo com estes valores, é destacada a existência de uma elevada confiabilidade das escalas. Um

dos itens que integrava a escala “Percepção de Maioria/Minoria foi removido devido a reduzir a confiabilidade da mesma (item. 9.3.1). O item 8.1 não encontrou integração em nenhuma das escalas.

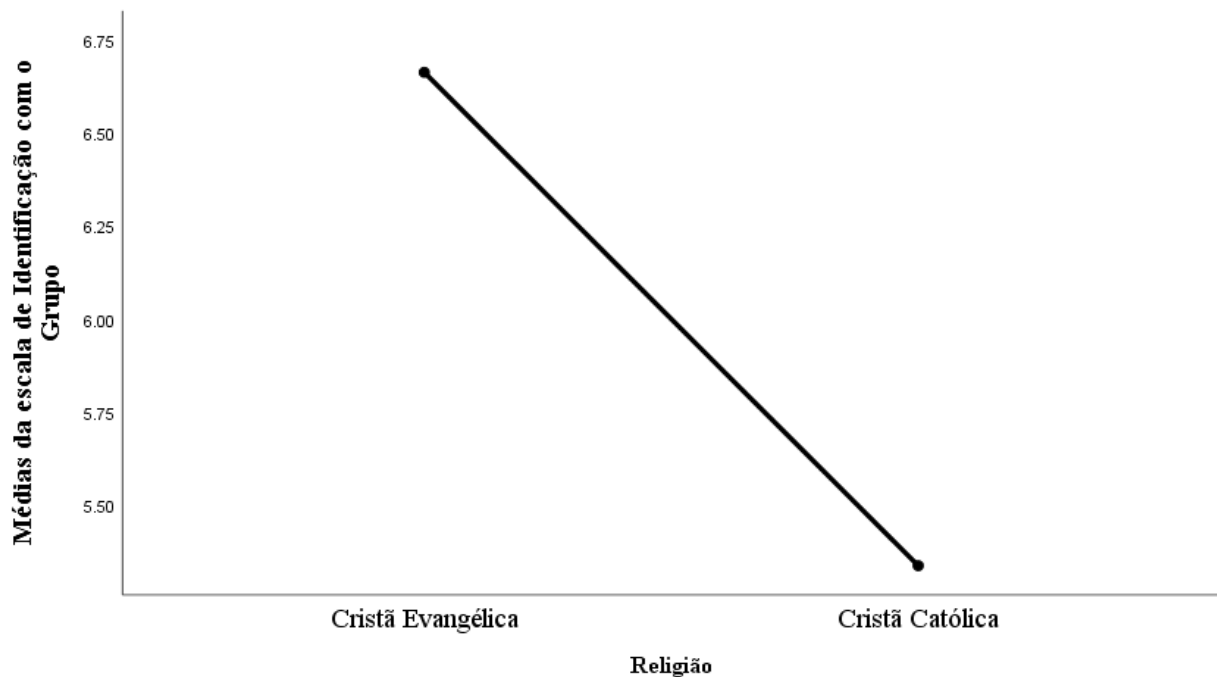
#### *Identificação com o grupo*

#### *Normalidade*

Foi realizada uma Análise Exploratória com recurso a *boxplots*, que evidenciou a existência de um *outlier*, supramencionado. A aproximação da normalidade da distribuição para a escala “Identificação com o grupo” foi confirmada apenas para o Género Masculino na condição “Cristã Católica” da variável independente “Religião”,  $p=0.152$ . A homogeneidade de variâncias não foi garantida para a variável dependente “Identificação com o grupo”.

#### *Análise de Variância*

Foi realizada uma ANOVA a dois fatores, (Religião x Género) em que foi encontrado um efeito principal significativo da variável independente “Religião” (Cristã Católica vs Cristã Evangélica) na variável dependente “Identificação com o grupo”,  $F(1, 86)=32.300$ ,  $p < 0.001$ ,  $MS= 31.599$ ,  $\eta_p^2 = .273$ .



*Figura 2. Média das estimativas de frequência da Identificação com o grupo nos grupos da Religião Cristã Evangélica e Cristã Católica.*

O valor médio da variável “Identificação com o grupo” é superior na condição “Cristã Evangélica”, tendo uma diferença de valor médio de 1.327, 95% CI [0.86 a 1.791], em relação à condição “Cristã Católica” da variável independente “Religião”, sendo uma diferença estatisticamente significativa,  $p < 0.001$ ; Cristã Evangélica:  $M=6.663$  ( $SE=0.131$ ); Cristã Católica:  $M=5.336$  ( $SE=0.193$ ). Este resultado indica que, os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica possuem uma identificação pessoal com o seu grupo religioso e religião superior aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Católica Cristã.

Não existiu efeito principal significativo da variável “Gênero”,  $F(1, 86)=1.247$ ,  $p = 0.257$ ,  $MS= 1.220$ ,  $n_p^2 = .014$ ; nem efeito de interação significativo entre as variáveis “Religião” e “Gênero”  $F(1, 86)=1.175$ ,  $p = 0.281$ ,  $MS= 1.149$ ,  $n_p^2 = .013$ .

### *Diferenciação*

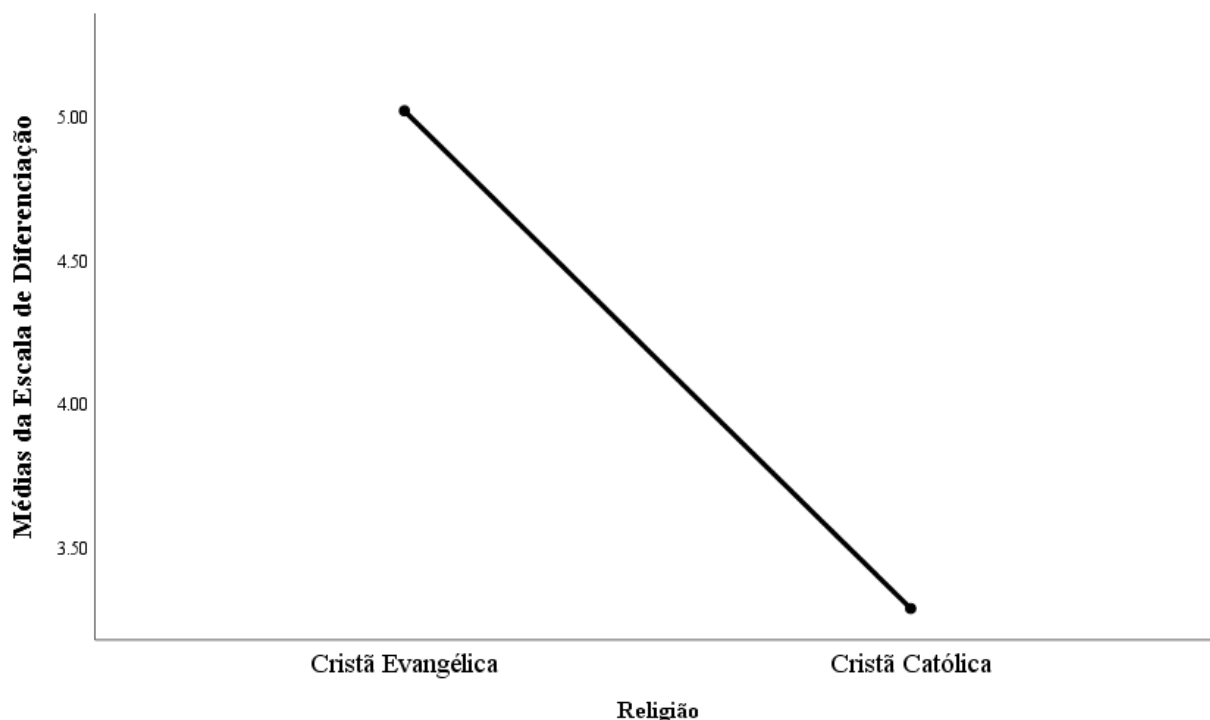
#### *Normalidade*

Após realização de Análise Exploratória com recurso a boxplots, confirmou-se a ausência de outliers na escala “Diferenciação”, e a existência de distribuição aproximadamente normal dos dados nesta escala apenas para o Género Masculino na condição “Cristã Católica”(p=0.050), bem como na condição “Cristã Evangélica”(p=0.123) da variável independente “Religião”. A homogeneidade de variâncias foi garantida para a variável dependente “Diferenciação”, p=0.133.

#### *Análise de Variância*

Foi novamente realizada uma ANOVA a dois fatores (Religião x Género) em que foi confirmado um efeito principal significativo da variável independente “Religião” (Cristã Católica vs Cristã Evangélica) na variável dependente “Diferenciação”,  $F(1, 77) = 13.460$ ,  $p < 0.001$ ,  $MS = 48.335$ ,  $\eta_p^2 = .149$ .





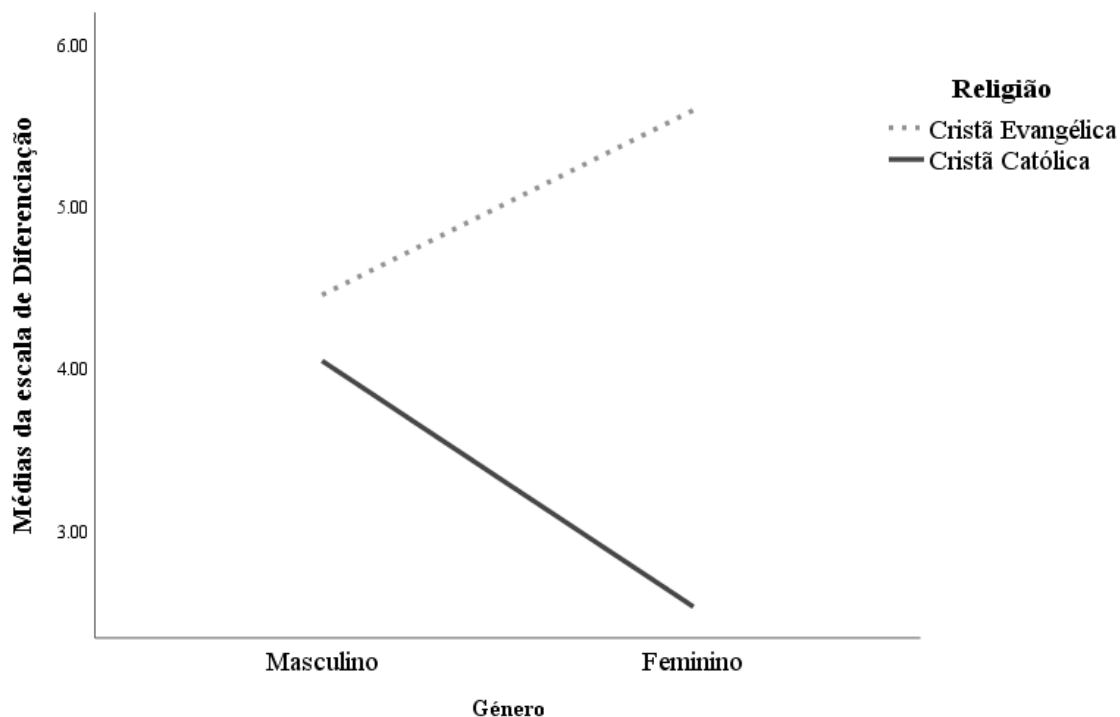
*Figura 3. Média das estimativas de frequência da Diferenciação no grupo de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica e no grupo que se declarou como pertencente à Religião Cristã Católica.*

O valor médio da variável dependente “Diferenciação” é superior na condição “Cristã Evangélica” em relação à condição “Cristã Católica” da variável independente “Religião”, existindo uma diferença significativa de 1.736, 95% CI [0.79, 2.68],  $p < 0.001$ ; Cristã Evangélica:  $M=5.019$  ( $SE=0.263$ ); Cristã Católica:  $M=3.283$  ( $SE=0.394$ ). Este resultado indica que os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica efetuam uma diferenciação mais acentuada em relação a *out-grupos* comparativamente aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica. Ou seja, de um modo geral, os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, consideram que a sua própria religião e grupo religioso será mais importante que outros grupos religiosos e religiões, num grau mais elevado comparativamente aos participantes declarados como pertencentes à

Religião Cristã Católica, sendo que estes responderam num grau mais próximo da igualdade entre religiões e grupos religiosos, comparativamente aos indivíduos declarados como pertencentes à Religião Cristã Evangélica.

Não existiu efeito principal da variável independente “Género”  $F(1, 77)=0.158$ ,  $p = 0.692$ ,  $MS= 0.569$ ,  $n_p^2 = .002$ .

Foi também encontrada a existência de um efeito de interação significativo entre as variáveis “Religião” e “Género”,  $F(1, 77)=7.889$ ,  $p = 0.006$ ,  $MS= 28.331$ ,  $n_p^2 = .093$ . Para realizar a interpretação desta interação entre as variáveis independentes mencionadas, foi realizada, posteriormente, uma análise aos *simple main effects*, com ajuste de Bonferroni, permitindo verificar o efeito das variáveis independentes “Religião” (Cristã Evangélica vs Cristã Católica) e “Género” (Masculino vs Feminino) na variável “Diferenciação”.



*Figura 4. Média das estimativas de frequência da Diferenciação do grupo declarado como pertencente à Religião Cristã Evangélica e do grupo declarado como pertencente à Religião Cristã Católica, para o género Género Masculino e Feminino.*

Verificou-se a existência de uma diferença significativa no valor da variável dependente “Diferenciação” entre o Gêneros Masculino e Feminino considerando apenas a Religião Cristã Evangélica,  $F(1, 77)=4.713$  ,  $p = 0.033$  ,  $MS= 16.925$  ,  $\eta_p^2 = .058$ .

Para o nível “Cristã Evangélica”, o valor médio da variável “Diferenciação” para “Gênero Feminino” foi de 5.590 (SD = 1.604) e de 4.449 (SD = 1.975) para “Gênero Masculino”, uma diferença significativa de 1.141, 95% CI [0.94, 2.19],  $p = 0.033$ . Sendo o valor médio superior em “Gênero Feminino”, indica que os participantes do Gênero Feminino efetuam um nível mais acentuado de diferenciação em relação a *out-grupos* do que os participantes do Gênero Masculino, quando a Religião considerada é Cristã Evangélica. Ou seja, os participantes do Gênero Feminino que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica consideram que o próprio grupo religioso e religião é mais importante que outros grupos religiosos e religiões e que ensinamentos da própria religião são mais fiáveis que outros de outras religiões, enquanto os participantes do Gênero Masculino que se declaram como pertencentes à mesma Religião responderam com um valor inferior, significando que consideram que a importância da sua religião em comparação com outras é superior, mas consideram-no com grau inferior em comparação com o Gênero Feminino.

Não existiu uma diferença significativa entre “Masculino” e “Feminino” considerando apenas a condição “Cristã Católica”  $F(1, 77)=3.717$  ,  $p = 0.058$  ,  $MS=13.347$  ,  $\eta_p^2 = .046$ . No entanto, verifica-se uma aproximação à significância estatística, existindo um grau mais elevado de diferenciação, por parte dos participantes do Gênero Masculino,  $M= 4.042$  (SD = 2.560), comparativamente ao Gênero Feminino,  $M=2.524$  (SD = 1.855), verificando-se uma diferença de 1.518, 95% CI [-0.05, 3.086],  $p = 0.058$ . É, assim, indicado que, contrariamente ao observado na condição “Cristã

Evangélica”, os participantes do Género Masculino consideram o próprio grupo religioso a que pertencem e a sua religião como mais importante, bem como tendo ensinamentos mais fiáveis, em relação a outras religiões, de uma forma mais acentuada comparativamente aos participantes do Género Feminino, considerando apenas a condição “Cristã Católica”.

Verificou-se a existência de uma diferença significativa no valor da variável dependente “Diferenciação” entre “Cristã Evangélica” e “Cristã Católica” considerando apenas o Género “Feminino”,  $F(1, 77)=30.410$ ,  $p < 0.001$ ,  $MS= 109.199$ ,  $\eta_p^2= .283$ .

No Género Feminino, o valor médio da variável “Diferenciação” para “Religião Cristã Evangélica” foi de 5.590 (SD = 1.604) e de 2.524 (SD = 1.855) para a condição “Religião Cristã Católica”, uma diferença significativa de médias de 3.066, 95% CI [1.96, 4.17],  $p < 0.001$ . Sendo o valor médio superior para “Religião Cristã Evangélica”, indica que os participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Evangélica efetuam um grau mais acentuado de diferenciação em relação a *out-grupos* do que os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, tendo em consideração apenas o Género Feminino em ambos os grupos de participantes. Ou seja, os participantes do Género Feminino que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica consideram que o próprio grupo religioso e religião é mais importante que outros grupos religiosos e religiões e que ensinamentos da própria religião são mais fiáveis que outros de outras religiões, enquanto os participantes do mesmo Género que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica responderam com um valor médio inferior, significando que consideram que a importância da sua religião em comparação com outras, está mais próxima da igualdade, assim como a fiabilidade dos ensinamentos religiosos, comparativamente aos participantes do Género Feminino que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica.

Não existiu uma diferença significativa entre as condições “Cristã Evangélica” e “Cristã Evangélica” considerando o Género Masculino  $F(1, 77)=0.282$  ,  $p = 0.597$  ,  $MS=1.014$  ,  $\eta_p^2 = .004$ .

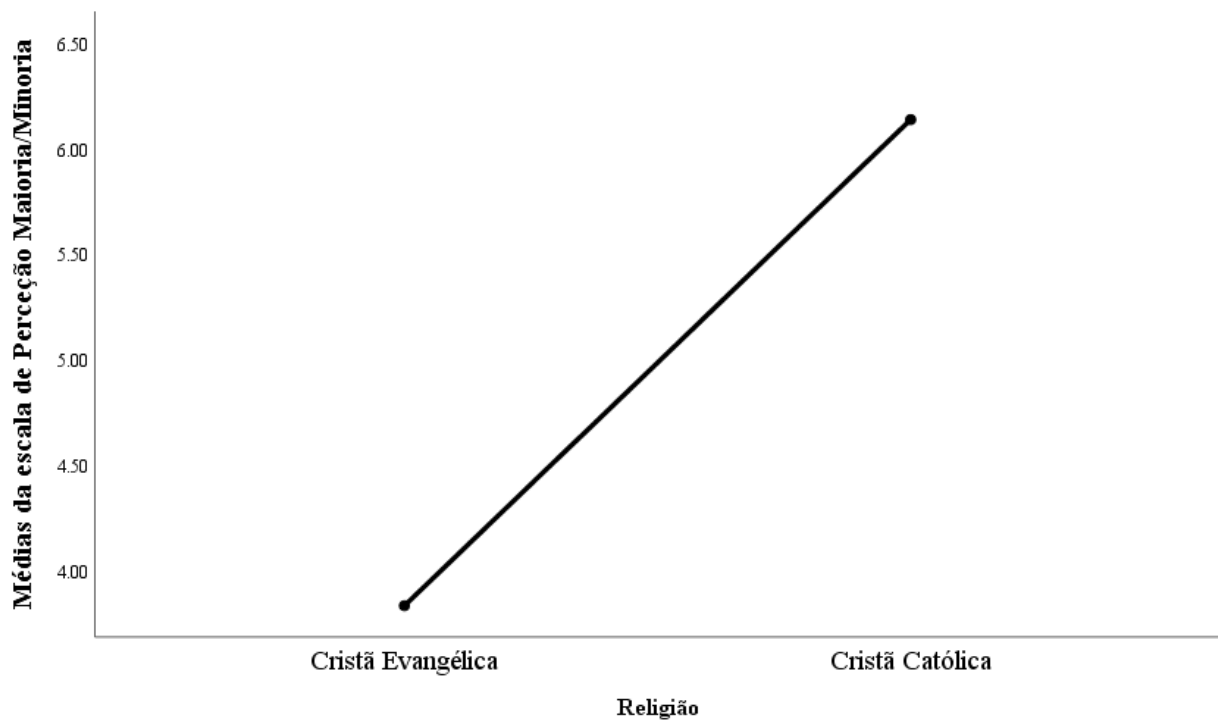
#### *Percepção de Maioria/Minoria*

#### *Normalidade*

Realizou-se uma Análise Exploratória com recurso a boxplots. Confirmou-se a ausência de outliers na escala “Percepção de Maioria/Minoria”, e a existência de distribuição aproximadamente normal dos dados nesta escala apenas para o Género Feminino na condição “Cristã Evangélica” da variável independente “Religião” ( $p=0.482$ ). A homogeneidade de variâncias não foi garantida para a variável dependente “Percepção de Maioria/Minoria”,  $p=0.042$

#### *Análise de Variância*

Realizou-se uma ANOVA a dois fatores (Religião x Género) em que foi confirmada a existência de um efeito principal significativo da variável independente “Religião” (Cristã Católica vs Cristã Evangélica) na variável dependente “Percepção de Maioria/Minoria”,  $F(1, 86) = 43.340$ ,  $p < 0.001$ ,  $MS=99.889$ ,  $\eta_p^2 = .335$ .



*Figura 5. Média das estimativas de frequência da Percepção de Maioria/Minoria nos grupos da Religião Cristã Evangélica e Cristã Católica.*

O valor médio da variável dependente “Percepção de Maioria/Minoria” é, assim, inferior na Religião Cristã Evangélica em comparação com Cristã Católica, existindo uma diferença significativa de valor médio de 2.305, 95% CI [1.61, 3.00],  $p < 0.001$ ; Cristã Evangélica:  $M=3.830$ , ( $SE=0.205$ ); Cristã Católica:  $M=6.135$  ( $SE=0.284$ ). Este resultado indica que, os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica consideram integrar um grupo mais próximo da minoria, em contraste com os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, que consideram integrar um grupo mais aproximadamente maioritário.

Não existiu efeito principal significativo da variável “Gênero”,  $F(1, 86)=0.145$ ,  $p = 0.704$ ,  $MS=0.335$ ,  $n_p^2 = .002$ ; nem efeito de interação significativo entre as variáveis “Gênero” e “Religião”  $F(1, 86)=2.591$ ,  $p = 0.111$ ,  $MS= 5.971$ ,  $n_p^2 = .029$ .

## *Análise dos Itens Não Integrados*

*Item 8.1 – “Se alguém elogiasse ou criticasse o grupo religioso a que pertencço, iria sentir como pessoal”, na sequência do item 8 – “Assinale a opção que considera relevante, caso pertença a um grupo religioso (1 significa “discordo totalmente” e 7 significa “concordo totalmente”)”.*

Este item não encontrou integração em nenhum dos fatores, supõe-se que terá ocorrido uma falha na medição do construto que se pretende medir, não medindo a Identificação com o grupo, como pretendido, considera-se que possa ter existido má compreensão deste item. Foi realizada uma análise exploratória em que se confirmou a ausência de outliers e a inexistência de distribuição aproximadamente normal. A homogeneidade de variâncias foi garantida,  $p=0.086$ . Não existiram efeitos principais significativos de qualquer uma das variáveis, Género e Religião, nem efeito de interação significativo entre as duas variáveis referidas.

*Item 9.3.1 – “Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, assinale a opção com que concorda Na sua opinião, são características melhores ou piores em relação à sua religião? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “piores características” e 7 a “melhores características”)” na sequência do item 9.3 – “Considera que existem características que categorizam os indivíduos das outras religiões?”.*

Este item foi removido de integração no fator “Perceção de Maioria/Minoría” devido a reduzir a confiabilidade do mesmo, supõe-se que medirá um construto que não terá relação com “Perceção de Maioria/Minoría”. Considera-se que poderia medir a Diferenciação, no entanto poderá ser um item que procure medir a categorização

realizada por parte do indivíduo em relação a *out-grupos*. Foi realizada uma análise exploratória em que se verificou a existência de 3 outliers e a existência de distribuição aproximadamente normal apenas para o Género Feminino na Religião Cristã Evangélica ( $p=0.058$ ). A homogeneidade de variâncias não foi garantida para este item,  $p=0.024$ .

Realizou-se uma ANOVA a dois fatores (Religião x Género) em que foi confirmada a existência de um efeito principal significativo da variável independente “Religião” (Cristã Católica vs Cristã Evangélica),  $F(1, 86) = 43.340$ ,  $p < 0.001$ ,  $MS=99.889$ ,  $n_p^2 = .335$ .

O valor médio da variável dependente é, assim, inferior na Religião Cristã Evangélica em comparação com Cristã Católica, existindo uma diferença significativa de valor médio de 0.683, 95% CI [0.05, 1.31],  $p < 0.001$ ; Cristã Evangélica:  $M=3.359$ , ( $SE=0.225$ ); Cristã Católica:  $M=4.042$  ( $SE=0.225$ ).

Este resultado indica que, os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica consideram que as características dos indivíduos das outras religiões se aproximam de um valor intermédio, não sendo melhores ou piores do que as características dos indivíduos da sua própria religião. No entanto, é um valor mais próximo de considerarem que os indivíduos de outras religiões possuem características piores que as de indivíduos pertencentes à própria religião, quando observado em contraste com os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica. Os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica consideram também que as características dos indivíduos de outras religiões se aproximam de um valor intermédio, não sendo melhores ou piores características. Não existiu efeito principal significativo da variável “Género”,  $F(1, 81)=1.939$ ,  $p = 0.168$ ,  $MS=4.112$ ,  $n_p^2 = .023$ ; nem efeito de interação significativo entre as variáveis “Género” e “Religião”  $F(1, 81)=1.289$ ,  $p = 0.260$ ,  $MS= 2.734$ ,  $n_p^2 = .016$ .



### *Análise de Correlação de Pearson*

Foi efectuada uma análise de correlação de Pearson para verificar a relação entre as variáveis dependentes “Identificação com o grupo”, “Diferenciação” e “Percepção de Maioria/Minoria”.

Verificou-se a existência de correlação moderada positiva, estatisticamente significativa, entre “Identificação com o grupo” e “Diferenciação”,  $r(79) = .45$ ,  $p < .001$ , com “Identificação com o grupo” explicando 20% da variância em “Diferenciação”. Este resultado indica que com o aumento da Identificação com o *in-grupo* (neste caso, o grupo religioso ao qual o participante se declara como pertencente), verificou-se o aumento da Diferenciação em relação a *out-grupos* e vice-versa.

Verificou-se a existência de correlação fraca negativa, estatisticamente significativa, entre “Identificação com o grupo” e “Percepção de Maioria/Minoria”,  $r(86) = -.21$ ,  $p = .046$ , com “Identificação com o grupo” explicando 4% da variância em “Percepção de Maioria/Minoria”. Este resultado indica que com o aumento da Identificação com o *in-grupo*, verificou-se uma Percepção de dimensão do *in-grupo* mais próxima da minoria e vice-versa.

Verificou-se a existência de correlação fraca negativa, estatisticamente significativa, entre “Diferenciação e “Percepção de Maioria/Minoria),  $r(78) = -.26$ ,  $p = 0.21$ , com “Diferenciação” explicando 7% da variância em “Percepção de Maioria/Minoria”. Este resultado indica que com o aumento da Diferenciação em relação a *out-grupos*, verificou-se uma Percepção de dimensão do *in-grupo* mais próxima da minoria e vice-versa.

A seguinte análise diz respeito às respostas dadas aos itens que requeriam resposta aberta para desenvolvimento, considerando a variável independente “Religião”.

Neste sentido, foram criadas categorias que englobam vários tipos de resposta aos itens seguidamente apresentados, para que fosse possível realizar esta análise. Estas categorias foram geradas de acordo com aspetos comuns entre as respostas dadas. Cada categoria representa assim o elemento comum entre várias respostas, sendo representativa das mesmas. Existiu uma apreciação e verificação por parte de dois juízes independentes, para que fosse garantida maior coesão e coerência das categorias formadas. Neste sentido, é expresso em cada item o grau de concordância que existiu para cada categoria, considerando a minha apreciação e a dos juízes mencionados. Para uma compreensão mais específica, verifique-se o Anexo B.

*Item 4 – “Qual considera ser a opinião dos outros sobre a sua religião?”*

Os participantes recrutados responderam ao item 4 do questionário (Anexo A) com respostas que se adequam às categorias: “Positiva”, “Negativa”, “Neutra, e “Não sabe/ Não responde” (Anexo B). A categoria “Positiva” diz respeito à consideração de que existe uma opinião favorável por parte dos outros indivíduos acerca da própria religião do participante; “Negativa” dirá respeito a uma opinião desfavorável em relação à religião do participante; “Neutra” dirá respeito a uma opinião indiferente, não polarizada ou que considera um equilíbrio entre aspectos positivos e negativos; “Não sabe/ Não responde” dirá respeito à não compreensão da pergunta por parte do participante ou ao facto de não responder, por lapso ou própria vontade.

O grau de concordância em relação a estas categorias foi quase total, sendo que existiu alguma divergência no caso da categoria “Neutra”, devido a englobar respostas com algum caráter ambíguo, no entanto foi garantida a concordância.

Foi realizado um teste de homogeneidade qui-quadrado, com tamanho de amostra adequado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $X^2(3) = 13.585$ ,  $p = .004$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 4 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 4.*

Categoria de Resposta ao Item 4	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Positiva	12 (21.1)	25 (37.9)
Negativa	24 (42.1)	13 (19.7)
Neutra	5 (8.8)	16 (24.2)
Não sabe/ Não responde	16 (28.1)	12 (18.2)

Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes z, com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceita a  $p < .013$ . Foi verificada a existência de uma diferença estatisticamente significativa na proporção de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, respectivamente, que forneceram uma resposta a este item, evidenciando considerar que a opinião de outros indivíduos acerca da sua religião terá caráter Negativo ( $n = 24, 42.1\%$  vs  $n = 13, 19.7\%$ ),  $p < .013$ . Este resultado evidencia que grande parte dos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica (especificamente,  $42.1\%$ ) revelam considerar que existe uma opinião negativa por parte de outros indivíduos acerca da sua religião, com maior acentuação, em contraste com os participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Católica, sendo justificada com suposição de desconhecimento e existência de preconceito por parte dos outros indivíduos.

Nenhuma outra comparação de pares foi considerada ter diferença estatisticamente significativa.

*Item 6. “Se tivesse que mudar de religião, como se sentiria?”*

Os participantes recrutados responderam ao item 6 do questionário (Anexo A) com respostas que se adequam às categorias: “Positiva”, “Negativa”, “Indiferença”, “Não considera essa hipótese” e Não sabe/ Não responde (Anexo B). A categoria “Positiva” diz respeito à expressão de sentimentos de concordância com a mudança em questão, assumindo que existiria bem-estar de acordo com esta mudança; “Negativa” dirá respeito a sentimentos de discordância em relação à mudança de religião,

assumindo que iria causar mau-estar no participante; “Indiferença” dirá respeito a uma opinião que evoca a ausência de sentimentos de bem-estar ou mau-estar, uma posição de indiferença e aceitação sem constrangimento para o próprio; “Não considera essa hipótese” dirá respeito ao evitar considerar uma eventual mudança de religião, essa possibilidade é colocado fora de questão, por parte do participante; “Não sabe/ Não responde” dirá respeito à não compreensão da pergunta por parte do participante ou ao facto de não responder, por lapso ou própria vontade.

O grau de concordância em relação a estas categorias foi total, as respostas fornecidas apresentavam reduzida ambiguidade, sendo bastante explícitas em relação ao que o participante pretendia transmitir. Foi garantida a concordância.

Foi realizado um teste exato de Fisher devido à inadequação do tamanho da amostra para realização do teste de homogeneidade qui-quadrado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $p < 0.001$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 6 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 6.*

Categoria de Resposta ao Item 6	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Positiva	0 (0.0)	12 (18.2)
Negativa	16 (28.1)	26 (39.4)
Indiferença	0 (0.0)	10 (15.2)
Não considera essa hipótese	35 (61.4)	8 (12.1)
Não sabe/ Não responde	6 (10.5)	10 (15.2)

Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes exatos de Fisher (2 x 2) com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceita a  $p < .01$ .

Existiram diferenças estatisticamente significativas na proporção de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, respetivamente, que forneceram uma resposta a este item evidenciando carácter emocional positivo ( $n=0$ , 0.0% vs  $n=12$ , 18.2%), evidenciando indiferença ( $n=0$ , 0.0% vs  $n=10$ , 15.2%) e recusando considerar a hipótese de ter que mudar de religião

(n=35, 61.4% vs n=8, 12.1%),  $p < 0.01$ . Este resultado evidencia que os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica revelam não considerar uma mudança de religião como algo positivo (0.0%) ou encarar essa mudança com indiferença (0.0%). Neste sentido, um elevado número de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica (especificamente, 61.4%) recusam considerar a hipótese de existir uma eventual mudança de religião.

Em contraste, os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica têm menos dificuldade em considerar uma eventual mudança de religião (apenas 12.1% recusam considerar), sendo que consideram a possibilidade de aceitar essa mudança como algo positivo (18.2%) ou aceitar a mesma com indiferença (15.2%). Este resultado poderá revelar que devido à existência de uma maior identificação com o grupo religioso e religião por parte dos indivíduos que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, existirá uma maior resistência à hipótese de considerar uma mudança de religião, verificando-se o oposto para os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica.

Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre a proporção de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica e os que se declaram pertencentes à Cristã Católica que forneceram uma resposta com conotação emocional negativa (n=16, 28.1% vs n=26, 39.4%) e que não sabiam responder ou não responderam (n=6, 10.5% vs n=10, 15.2%),  $p > 0.01$ .

*Item 7 – “Alguma vez teve outra preferência religiosa além da sua? Se sim, qual?”*

Os participantes recrutados responderam ao item 7 do questionário (Anexo A) com respostas que se adequam às categorias: “Budismo”, “Agnosticismo”,

“Islamismo”, “Ateísmo”, “Catolicismo”, “Wicca”, “Indefinida/Várias”, “Nunca teve outra preferência religiosa” e “Não sabe/ Não responde” (Anexo B). As categorias “Budismo”, “Islamismo”, “Catolicismo” e “Wicca” dizem respeito à possível preferência pela religião Budista, Islâmica, Cristã Católica e Wicca, respectivamente; a categoria “Agnosticismo” e “Ateísmo” diz respeito à preferência pelo Agnosticismo e Ateísmo, respectivamente; “Indefinida/Várias” diz respeito a uma preferência indefinida pela consideração de várias preferências religiosas sem definir apenas uma em específico; “Nunca teve outra preferência religiosa” diz respeito a não ter tido outra preferência religiosa; “Não sabe/Não responde” diz respeito à não compreensão da pergunta por parte do participante ou ao facto de não responder, por lapso ou própria vontade.

O grau de concordância em relação a estas categorias foi elevado, mas não total, pois as respostas fornecidas apresentavam alguma ambiguidade relativamente à compreensão e interpretação da pergunta, uma limitação que será mencionada. Apesar deste aspeto, foi garantida a concordância.

Foi realizado um teste exato de Fisher devido à inadequação do tamanho da amostra para realização do teste de homogeneidade qui-quadrado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $p < 0.001$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 7 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 3.



Tabela 3

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 7.*

Categoria de Resposta ao Item 7	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Budismo	0 (0.0)	6 (9.1)
Agnosticismo	0 (0.0)	1 (1.5)
Islamismo	0 (0.0)	1 (1.5)
Catolicismo	12 (21.1)	0 (0.0)
Wicca	1 (1.8)	0 (0.0)
Indefinida/ Várias	1 (1.8)	4 (6.1)
Ateísmo	3 (5.3)	2 (3.0)
Nunca teve outra preferência religiosa	34 (59.6)	52 (78.8)
Não sabe/ Não responde	6 (10.5)	0 (0.0)

Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes exatos de Fisher (2 x 2) com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceita a  $p < .005$ .

Existiu uma diferença estatisticamente significativa na proporção de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, respetivamente, que forneceram uma resposta a este item tendo optado pelo Catolicismo ( $n=12$ , 21.1% vs  $n=0$ , 0.0%),  $p < .005$ . Este resultado evidencia que uma parte dos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica revelam ter pertencido à Religião Cristã Católica (21.1%) anteriormente a pertencerem à Cristã Evangélica, possivelmente devido à existência de semelhanças entre ambas as religiões no que toca aos ensinamentos dados.

Nenhuma outra comparação de pares foi considerada ter diferença estatisticamente significativa.

*Item 9.1.1 “Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.” (na sequência do item 9.1 – “Considera que a sua religião é mais importante/melhor do que as outras? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igual importância” e 7 a “mais importante/melhor”)).*

Os participantes recrutados responderam ao item 9.1.1 do questionário (Anexo A) com respostas que se adequam às categorias: “Valores/Cultural”, “Religiosa”, “Liberdade de Escolha/Idiossincrático”, “Conformista” e “Não sabe/ Não responde” (Anexo B). A categoria “Valores/Cultural” expressa uma resposta justificada através dos valores a que o próprio participante dá importância independentemente da religião,

ou através da cultura do próprio indivíduo e do seu próprio conhecimento; a categoria “Religiosa” considera uma resposta justificada com base na religiosidade, na crença do indivíduo e no que conhece da religião; a categoria “Liberdade de Escolha/Idiossincrático” considera a importância da religião para cada um como sendo algo que diz respeito à escolha e preferência do próprio indivíduo e, por isso, um aspecto idiossincrático; a categoria “Conformista” considera que a importância da religião a que o próprio participante se declara como pertencente, é influenciada pela quantidade de outros indivíduos que a seguem; a categoria “Não sabe/Não responde” diz respeito à não compreensão da pergunta por parte do participante ou ao facto de não responder, por lapso ou própria vontade.

O grau de concordância em relação a estas categorias foi aproximadamente total, salvo algumas exceções em que a resposta do participante não seria totalmente evidente relativamente ao que pretendia expressar, no entanto após discussão com os dois juízes independentes, foi alcançada concordância.

Foi realizado um teste de homogeneidade qui-quadrado, com tamanho de amostra adequado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $X^2(4) = 19.671$ ,  $p = .001$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 9.1.1 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.1.1.*

Categoria de Resposta ao Item 9.1.1	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Valores/ Cultural	7 (12.3)	21 (31.8)
Religiosa	27 (47.4)	9 (13.6)
Liberdade de Escolha/ Idiossincrático	14 (24.6)	19 (28.8)
Conformista	1 (1.8)	5 (7.6)
Não sabe/ Não responde	8 (14.0)	12 (18.2)

Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes z, com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceita a  $p < .01$ . Foi verificada a existência de uma diferença estatisticamente significativa na proporção de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica, respetivamente, que forneceram uma resposta a este item, com justificação baseada na religião (categoria “Religiosa”) ( $n = 27, 47.4\%$  vs  $n = 9, 28.8\%$ ),

$p < 0.01$ . Este resultado evidencia a importância dos ensinamentos religiosos para os indivíduos e a identificação dos indivíduos com a própria religião, por parte dos participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Evangélica, sendo que uma grande parte dos participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Evangélica (especificamente 47.4%) consideram que a importância da sua religião em comparação com outras é justificada pelos ensinamentos da própria religião e pela legitimidade da sua crença nessa religião. Em contraste a proporção de respostas que se inserem nesta categoria por parte dos participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Católica é menor (13.6%), podendo evidenciar que devido à existência de um nível menor de identificação com a própria religião, existindo menor necessidade de justificação da importância da própria religião através de religiosidade.

Nenhuma outra comparação de pares foi considerada ser diferente, significativamente.

*Item 9.3.2 “Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada” (na sequência do item 9.3 – “Considera que existem características que categorizam os indivíduos das outras religiões?” e 9.3.1 – “Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, assinale a opção com que concorda. Na sua opinião, são características melhores ou piores em relação à sua religião? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “piores características” e 7 a “melhores características”)”)*

Os participantes recrutados responderam ao item 9.3.2 do questionário (Anexo A) com respostas que se adequam às categorias: “Variabilidade entre Religiões (Inerente à religião)”, “Igualdade Religiosa”, “Uso de Estereótipos”, “Idiossincrático”, “Legitimidade da própria Religião”, “Não considera existirem características que categorizam os indivíduos das outras religiões (Respondeu “Não” a 9.3)” e “Não sabe/ Não responde” (Anexo B). A categoria “Variabilidade entre Religiões (Inerente à religião)” evidencia uma resposta que justifica a existência de características dos indivíduos pertencentes a outras religiões como variando de acordo com a religião a que estes pertencem; a categoria “Igualdade Religiosa” considera respostas que exprimem a existência de igualdade em termos da existência de características positivas e negativas, como sendo transversal a todas as religiões, sem divergirem de forma significativa; a categoria “Uso de Estereótipos” considera respostas em que são evocados estereótipos acerca de indivíduos de outras religiões para justificar as diferenças de características; a categoria “Idiossincrático” contempla respostas que consideram a existência de preferências individuais inerentes a cada indivíduo, independentemente da religião, como justificação; a categoria “Legitimidade da própria Religião” considera a legitimidade

dos ensinamentos da própria religião em que o participante se declara como pertencente, para qualificar as características dos indivíduos pertencentes a outras religiões; a categoria “Não considera existirem características que categorizam os indivíduos das outras religiões (Respondeu "Não" a 9.3)” contempla os participantes que consideraram que não existem características que categorizam os indivíduos pertencentes a outras religiões; A categoria “Não sabe/ Não responde” diz respeito à não compreensão da pergunta por parte do participante ou o facto de não responder, por lapso ou própria vontade.

O grau de concordância em relação a estas categorias foi aproximadamente total, excepto nas categorias “Variabilidade Religiosa (Inerente à religião)” e “Igualdade Religiosa” devido ao carácter dúbio de algumas respostas por aparentarem poder ser integradas em ambas as categorias, no entanto considerou-se em que categoria as respostas evidenciavam maior pertença e foi garantida a concordância dos juízes para estas e para as restantes categorias.

Foi realizado um teste exato de Fisher devido à inadequação do tamanho da amostra para realização do teste de homogeneidade qui-quadrado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $p < 0.001$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 9.3.2 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.3.2.*

Categoria de Resposta ao Item 9.3.2	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Variabilidade entre Religiões (Inerente à religião)	7 (12.3)	15 (22.7)
Legitimidade da própria Religião	12 (21.1)	0 (0.0)
Igualdade Religiosa	0 (0.0)	7 (10.6)
Idiossincrático	12 (21.1)	6 (9.1)
Uso de Estereótipos	6 (10.5)	7 (10.6)
Não considera existirem características que categorizam os indivíduos das outras religiões (Respondeu "Não" a 9.3)	12 (21.1)	14 (21.2)
Não sabe/ Não responde	8 (14.0)	17 (25.8)



Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes exatos de Fisher (2 x 2) com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceita a  $p < .007$ .

Existiu uma diferença estatisticamente significativa na proporção de participantes da Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes da Religião Cristã Católica, respectivamente, que forneceram uma resposta a este item com justificção baseada na própria religião e na sua legitimidade (categoria “Legitimidade Religiosa”) ( $n=12$ , 21.1% vs  $n=0$ , 0.0%),  $p < .007$ . Este resultado indica que existe uma proporção estatisticamente significativa de participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica (especificamente 21.1%) que consideram a existência de características que categorizam os indivíduos das outras religiões, justificando a existência destas características, melhores ou piores, através da própria religião a que se declaram pertencentes, através dos ensinamentos da mesma. Em contraste, não existiram participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Católica que forneceram uma resposta justificativa com base na própria religião (0.0%). Esta diferença poderá dever-se à identificação com a religião a que o participante declara pertença, sendo que a identificação com o grupo religioso é superior nos participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Católica.

Não existiram outras comparações de pares significativamente diferentes.

*Pergunta 9.4.1 – “Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada” (na sequência do item 9.4 – “Considera que os ensinamentos fornecidos pela sua religião são mais fiáveis do que os das outras? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igualmente fiáveis” e 7 a “mais fiáveis”)*

Os participantes recrutados responderam ao item 9.4.1 do questionário (Anexo A) com justificações que se adequam às categorias: “Semelhança entre Religiões”, “Importância inerente a cada religião”, “Histórica/Factual”, “Idiossincrático”, “De acordo com a religião/ fé” e “Não sabe/ Não responde” (Anexo B). A categoria “Semelhança entre Religiões” contempla respostas em que é assumido que os ensinamentos providenciados pelas várias religiões são semelhantes, mesmo que transmitidos de formas diferentes; a categoria “Importância inerente a cada religião” contempla respostas que consideram que cada religião terá a sua importância individual inerente à mesma, independentemente da existência de outras; a categoria “Histórica/Factual” diz respeito a justificações que utilizam fundamentação histórica ou factos referidos pelo participante; a categoria “Idiossincrático” contempla respostas que consideram que a avaliação da fiabilidade dos ensinamentos de cada religião diz respeito ao indivíduo que se declara como pertencente a essa religião, incluindo o próprio participante; a categoria “De acordo com a religião/fé” contempla respostas em que a justificação tem por base conhecimento religioso e ensinamentos que o próprio participante refere acerca da religião a que declarou pertença; a categoria “Não sabe/ Não responde” diz respeito à falta de resposta por parte do participante, por própria vontade ou lapso, ou à não compreensão da pergunta. O grau de concordância em relação a estas categorias foi aproximadamente total, pois as respostas dos participantes não levantaram dúvidas, dada a sua especificidade. Foi alcançada concordância.

Foi realizado um teste exato de Fisher devido à inadequação do tamanho da amostra para realização do teste de homogeneidade qui-quadrado, conforme estabelecido por Cochran (1954). As duas distribuições de probabilidade multinomiais não foram iguais na população,  $p < 0.001$ . As frequências e percentagens observadas para as categorias de resposta ao item 9.4.1 para cada tipo de Religião são apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6

*Tabulação Cruzada do tipo de Categoria de Resposta e do tipo de Religião para o Item 9.4.1.*

Categoria de Resposta ao Item 9.4.1	Religião	
	Cristã Evangélica	Cristã Católica
Semelhança entre Religiões	0 (0.0)	12 (18.2)
Importância inerente a cada religião	0 (0.0)	9 (13.6)
Histórica/ Factual	3 (5.3)	3 (4.5)
Idiossincrático	6 (10.5)	15 (22.7)
De acordo com a religião/fé	36 (63.2)	10 (15.2)
Não sabe/ Não responde	12 (21.1)	17 (25.8)

Foi realizada análise post hoc envolvendo comparações de pares usando múltiplos testes exatos de Fisher (2 x 2) com correção de Bonferroni. A significância estatística foi aceite a  $p < .008$ .

Existiram diferenças estatisticamente significativas na proporção de participantes da Religião Cristã Evangélica comparativamente aos participantes da Religião Cristã Católica, respetivamente, que forneceram uma resposta a este item de acordo com a religião/fé ( $n=36$ , 63.2% vs  $n=10$ , 15.2%), que responderam com base na importância inerente a cada religião ( $n=0$ , 0.0% vs  $n=9$ , 13.6%) e com base nas semelhanças entre religiões ( $n=0$ , 0.0% vs  $n=12$ , 18.2%),  $p < 0.008$ . Este resultado indica que grande parte dos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica (especificamente 63.2%) preferem explicar o grau de diferença na fiabilidade dos ensinamentos da religião a que declaram pertença em relação a outras religiões, recorrendo a justificações que têm por base os ensinamentos religiosos e o conhecimento religioso adquirido pelos mesmos. Em contraste, os participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Católica fornecem este tipo de justificação em menor proporção (15.2%), além de exibirem uma preferência por referir a importância individual e inerente a cada religião relativamente aos seus ensinamentos (13.6%), e também por referirem que os ensinamentos das várias religiões são semelhantes embora transmitidos de diferentes formas (“Semelhança de Religiões”, 18.2%). Este resultado poderá dever-se ao facto de existir uma maior identificação com o grupo religioso por parte dos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, logo poderá existir preferência pela justificação com base na própria religião a que declaram pertença devido à identificação com a mesma.

Não existiram diferenças estatisticamente significativas na proporção de participantes da Religião Cristã Evangélica e Cristã Católica que forneceram respostas

baseadas na idiossincrasia (categoria “Idiossincrático”) (n=6, 10.5% vs n=15, 22.7%), com justificação histórica/factual (n=3, 5.3% vs n=3, 4.5%), nem na proporção de participantes que não sabia responder ou não respondeu (n=12, 21.1% vs n=17, 25.8%),  $p > 0.008$ .

#### *Análise de Tabulações Cruzadas considerando a variável independente “Género”*

Foi realizada uma análise de tabulações cruzadas na amostra, para cada item referido e analisado anteriormente (nomeadamente o item 4, 6, 7, 9.1.1, 9.3.2 e 9.4.1), considerando, neste caso, a variável independente “Género”, sendo composta por 54 participantes do Género Masculino e 69 participantes do Género Feminino. Foram realizados testes de homogeneidade qui quadrado e testes exatos de Fisher de acordo com a adequação do tamanho da amostra em cada item, conforme estabelecido por Cochran (1954). No entanto as duas distribuições de probabilidade multinomiais foram iguais na população para todos os itens,  $p > .05$ , não se verificando diferenças significativas entre o Género Masculino e o Género Feminino para as categorias dos itens em análise supra-mencionados.

## Discussão Geral

Na presente investigação foi testada a existência de diferenças em termos da Identificação com o grupo, Diferenciação e Perceção de Maioria/Minoria do *in-grupo* (Maioria/Minoria) em grupos religiosos, considerando a variável Género neste contexto.

Um grupo é composto por participantes que afirmam pertencer à Religião Cristã Evangélica (constituindo um grupo minoritário) e outro grupo é composto por participantes que afirmam pertencer à Religião Cristã Católica (constituindo um grupo maioritário), sendo que a dimensão dos grupos considera o contexto dos mesmos em Portugal. Foi aplicado um questionário de resposta semi-estruturada para compreensão das três variáveis dependentes mencionadas (Identificação com o grupo, Diferenciação e Perceção de Maioria/Minoria).

Este estudo teve como objetivo determinar de que forma a identificação com o grupo, a diferenciação e a perceção de dimensão (maioria/minoria) variam em contexto religioso e consoante o género, especificamente em grupos sociais religiosos (minoritário e maioritário). De um modo geral, observou-se que existiram maioritariamente diferenças a nível da Religião a que os participantes declaravam pertencer, não sendo observadas diferenças de género significativas, excepto na variável “Diferenciação”, mais especificamente na existência de interação entre a variável género e a variável religião.

### *Análise de Correlações*

Verificou-se a existência de correlações estatisticamente significativas entre Identificação com o grupo, Diferenciação e Perceção de Maioria/Minoria. De acordo com estes resultados, a Identificação com o grupo influencia a Diferenciação de forma

positiva, ou seja, a Identificação com o grupo e a Diferenciação variam em conjunto (e.g. com o aumento da Identificação com o grupo existe um aumento da Diferenciação), estando de acordo com a literatura, pois para existência de distintividade ótima é necessário satisfazer a necessidade de assimilação e de diferenciação em simultâneo (Brewer, 1991), no grupo. É assumido que é exercida diferenciação em relação aos *out-grupos* para manter a identidade social positiva do grupo como referido por Tajfel e Turner (1979), o que é confirmado nestes resultados, pois existindo diferenciação, existe a procura por obter identidade social positiva, sendo que esta depende da forma como é visto o grupo, logo a importância do grupo e a identificação com o mesmo é fulcral, sendo verificável a relação entre Identificação com o grupo e Diferenciação.

Verificou-se a existência de correlação negativa significativa entre Identificação com o grupo e Perceção de Maioria/Minoria, o que significa que quanto mais elevada a Identificação, mais próxima da minoria é a Perceção de Maioria/Minoria (verificando-se o contrário também), o que também revela estar de acordo com a literatura, pois quanto menor a dimensão do grupo, menor a inclusão, logo mais salientes serão as características do grupo e a semelhança das mesmas entre os membros do grupo.

Por último, verificou-se a existência de correlação negativa entre Diferenciação e Perceção de Maioria/Minoria, o que indica que quanto mais próximo da minoria for o grupo, maior é a diferenciação que este efetua em relação a *out-grupos*. Sendo mais próximo da minoria, o grupo é mais distinto de outros, logo exerce maior diferenciação.

### *Identificação com o grupo*

Os resultados do presente estudo demonstraram que a Identificação com o in-grupo, nestes grupos religiosos, é influenciada principalmente pela Religião de forma significativa. Neste sentido, verificou-se que os participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica possuem um grau mais elevado de identificação com o *in-grupo* (avaliando a própria Identificação com um grupo num nível próximo do máximo possível para a escala, próximo de 7) , comparativamente aos declarados pertencentes à Religião Cristã Católica. Este resultado revelou a existência de uma elevada coesão do grupo pertencente à Religião Cristã Evangélica considerando a acentuação do grau de identificação com o grupo, o que corrobora a hipótese de que o grau de identificação com o grupo seria superior no grupo religioso Cristão Evangélico devido ao facto de constituir uma minoria, devido a permitir satisfazer as necessidades de assimilação e a diferenciação, traduzindo-se num grau mais elevado de identificação com o grupo. Encontra-se, assim, de acordo com o postulado, na literatura, pela Teoria da Distintividade Ótima (Brewer, 1991), que admite que um grupo moderadamente inclusivo satisfaz as opostas necessidades de assimilação e diferenciação, neste sentido, a semelhança de características que definem o grupo será mais elevada, o que representa uma maior identificação com o grupo, considerando-se os indivíduos pertencentes a uma categoria social que os define, que define a sua identidade, conforme a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974).

A Identificação com o grupo por parte dos participantes que se declaram como Cristãos Católicos verificou-se ser de grau inferior em relação aos que se declaram como Evangélicos, o que revela estar também em linha com a literatura, pois sendo o grupo maioritário, a necessidade de assimilação será menos satisfeita, logo existirá uma menor grau de semelhança entre indivíduos e as suas características, o que influencia



negativamente a identificação com o grupo, como se pode observar através desta diferença.

Não se verificaram diferenças de género, o que revela ser um resultado surpreendente que não corrobora a hipótese de que existiriam diferenças, assim, os resultados também não se encontram de acordo com a generalidade da literatura que explicita a assunção de que o género feminino exerce maior grau de religiosidade, identificando-se mais com a religião, comparativamente ao género masculino. No entanto, é necessário considerar a existência de exceções, em que não existem diferenças, tendo em conta o contexto, podendo ter sido este o caso.

### *Diferenciação*

Os resultados relativos à variável Diferenciação revelaram que a variável é influenciada significativamente pela Religião, verificando-se existência de um efeito principal significativo desta variável, confirmando a hipótese de que a diferenciação em relação a *out-grupos* seria superior no grupo religioso declarado pertencente à Religião Cristã Evangélica, por constituir uma minoria, estando mais próximo da distintividade óptima, satisfazendo, com maior acentuação, a necessidade de diferenciação em relação a outros grupos, logo os participantes da Religião Cristã Evangélica exercem maior grau de diferenciação como explicitado pelos resultados, procurando a garantia de uma diferença positiva em relação aos outros grupos.

Não se verificou existência de efeito principal de Género. É verificada a existência de um efeito de interação entre Género e Religião, nomeadamente, existe uma diferença significativa entre Género na condição Cristã Evangélica, em que os participantes do género feminino exercem um nível mais elevado de diferenciação em relação ao género masculino. Este resultado encontra-se em linha com o explicitado na

literatura (e.g. Stark, 2002; Hoffmann & Miller, 1995; Bruce & Trzebiatowska, 2012), admitindo que o género feminino, de uma forma geral revela maior religiosidade e tendência para a prática religiosa que o masculino, o que indica que poderá exercer maior diferenciação em relação a *out-grupos*, no entanto, devido à identificação com o *in-grupo* não ter revelado uma diferença de género significativa e devido aos resultados que serão seguidamente apresentados para esta variável, não se pode afirmar, com certeza, que este resultado está de acordo com a literatura mencionada para diferenças de género. É, no entanto, interessante observar que existe semelhança na identificação com o grupo entre géneros, mas que em termos de diferenciação não se verifica, sendo que as mulheres efetuam uma maior diferenciação do que os homens declarados pertencentes ao grupo da Religião Cristã Evangélica.

Observou-se uma tendência oposta na diferença de género na condição Cristã Católica, que, embora não significativa, revela um efeito marginal, muito próximo da significância, em que o género feminino efetua um grau de diferenciação inferior ao género masculino, sendo que, no geral, na condição Cristã Católica o nível de Diferenciação encontra-se numa posição mediana inferior (próximo de 3 na escala), sendo inferior à condição Cristã Evangélica. Este resultado explicita que existirá uma baixa identificação com o grupo, logo a diferenciação do indivíduo considerando o *in-grupo* em relação a outros grupos é de menor grau.

Considerando a diferença de género, a diferenciação é menor por parte do género feminino em relação ao masculino, indicando que, quando o grupo é maioritário e a identificação com o grupo é menor, a necessidade de diferenciação é menor por parte do género feminino comparativamente ao masculino, devido à religiosidade e à importância dada à religião ser menor, quando comparada com *out-grupos* e religiões, na condição Cristã Católica, ou seja, esta diferença encontra-se próxima da significância

devido à posição divergente (na escala de Likert, de 1 a 7) do género feminino na escala e não pela posição do género masculino, sendo que esta última é semelhante em termos de posicionamento na escala em ambas as condições da Religião. O género masculino realça a comparação da diferenciação entre género feminino nas duas condições.

Os resultados seguidamente apresentados irão tornar mais clara a existência destas duas diferenças, sendo que se verificou a existência de diferença significativa nas condições Cristã Católica e Cristã Evangélica, considerando apenas o género feminino. Este resultado indica que o género feminino exerce uma posição de diferenciação elevada, próxima do extremo superior na escala, quando a identificação com o grupo é elevada, sendo o grupo minoritário, e que quando a identificação com o grupo é menor e o grupo é maioritário, o género feminino não revela exercer diferenciação devido a menor importância dada à ligação religiosa e com o grupo. De facto, a importância dada à religião é tão menor, que a diferenciação em relação a outros grupos se torna inferior à exercida pelo género masculino. Este resultado indica que em relação ao género masculino, o género feminino efetua uma diferenciação muito acentuada, caso a identificação com o grupo e a religiosidade sejam elevadas e o grupo a que se pertence seja minoritário. Caso a religiosidade e a identificação com o grupo sejam menos acentuadas, a importância da religiosidade, do grupo e da religião, comparativamente ao *out-grupo* tornar-se-à um aspeto de pouca relevância, alcançando níveis próximos da “igualdade” quando comparada com o *out-grupo*. De acordo com os resultados, pode afirmar-se que de um modo geral, na presente investigação, o género feminino efetua um nível mais elevado de diferenciação na condição Cristã Evangélica, por pertencer a um grupo minoritário, fornecendo a justificação de que, quando o género feminino pertence a um grupo minoritário, existe maior diferenciação devido à aproximação da distintividade ótima (assimilação e diferenciação de categorias a um nível moderado

semelhante), ou seja, confirma-se a existência de um grau mais acentuado de religiosidade do género feminino referida pela literatura, no entanto, quando o grupo é maioritário e a aproximação à distintividade ótima é menor, essa diferença em relação ao género masculino é atenuada, pois a necessidade de diferenciação encontra-se satisfeita a um nível inferior do que o verificado em grupos minoritários, logo a identidade do grupo em que o indivíduo se insere, não é tão diferenciada em termos de categorias que a caracterizam. Este aspeto exerce influência também na identidade social do indivíduo feminino, não tendo este uma identidade tão distinta de outros grupos e exercendo um nível menor de identificação com o grupo. Este resultado poderá apontar para além da influência da dimensão do in-grupo e da aproximação à distintividade ótima, podendo considerar-se a influência de fatores referidos pela literatura, que influenciam a religiosidade feminina, sendo mais adequado, considerando o contexto deste estudo, salientar talvez a existência de fatores sociais, como o papel da mulher na sociedade, sendo que poderá ser percecionado, pela própria e pelos outros, de forma diferente nestas duas religiões.

#### *Perceção de Maioria/Minoria*

Os resultados da variável Perceção de Maioria/Minoria revelaram um efeito principal de Religião na Perceção de Maioria/Minoria, existindo uma diferença significativa entre as condições Cristã Evangélica e Cristã Católica, sendo que foi confirmada a hipótese de que a perceção de dimensão de grupo iria variar de acordo com a condição Religião, podendo relacionar-se a possibilidade de os participantes considerarem o grau de inclusão do grupo, a diferenciação e a semelhança entre membros do grupo na avaliação da dimensão do grupo.

Os participantes que se declaram pertencentes à Religião Cristã Evangélica percebem-se como integrando um grupo mais próximo da minoria em comparação com os participantes declarados pertencentes à Religião Cristã Católica, que se avaliam como pertencendo a um grupo próximo da maioria. Diferenças de gênero não foram novamente verificadas

### *Itens Não Integrados nas Variáveis Dependentes*

O item 8.1, (relativo à questão “Se alguém elogiasse ou criticasse o grupo religioso a que pertenço, iria sentir como pessoal” para avaliação numa escala de Likert, de 1 a 7) não foi integrado em nenhuma categoria, supõe-se que terá ocorrido alguma falha na medição do construto que se pretendia que medisse, nomeadamente a Identificação com o grupo. Não considerando que meça outro construto diferente, mas que apenas tenha ocorrido algum tipo de falha talvez relativa à compreensão do item por parte dos participantes A análise do item não revelou a existência de efeitos principais de qualquer das variáveis independentes, sendo esta outra razão pela qual se considera que este item sofreu uma compreensão errada por parte do participante.

O item 9.3.1 (para avaliação de 1 a 7, numa escala de Likert, sendo 1 “piores características” e 7 “melhores características” relativo à questão anterior “Considera que existem características que categorizam os indivíduos das outras religiões?”) não foi integrado no fator Percepção de Maioria/Minoridade devido a reduzir o grau de confiabilidade do mesmo. Considerou-se a possibilidade de este item estar relacionado com a medição da Diferenciação por possivelmente evocar a necessidade do indivíduo de alcançar uma identidade social positiva garantindo que o grupo que integra é mais positivamente distinto do *out-grupo*, conforme a literatura explícita (Tajfel & Turner,

1979) no entanto também não revelou integração neste fator. Neste sentido considera-se também a possibilidade de procurar medir apenas a categorização feita em relação a *out-grupos*.

Os resultados deste item demonstraram que existiu um efeito principal significativo da variável “Religião”, revelando que ambas as condições da variável Religião avaliaram as características de indivíduos pertencentes a outros grupos religiosos como sendo categorias que não são piores nem melhores que as do próprio grupo. No entanto, verifica-se uma avaliação, por parte dos participantes que se identificam como Cristãos Evangélicos, mais próxima de considerar que esses indivíduos possuem piores características, em relação a indivíduos pertencentes à própria religião. Este resultado, embora não integrante de nenhuma variável das que se procuraram medir, encontra-se de acordo com a literatura acima referida no sentido de que é realizada uma mais acentuada diferenciação por parte de grupos minoritários, como referido e observado em resultados anteriores. Neste sentido, o item revela a distinção na procura de uma identidade positiva em função da auto-estima, como referido por Tajfel e Turner (1979).

#### *Itens de Resposta Aberta (4., 6., 7. 9.1, 9.3.2, 9.4.1)*

A análise dos itens de resposta aberta para desenvolvimento, revelaram a existência de diferenças significativas de acordo com a Religião em determinadas categorias de resposta.

Não existiram diferenças significativas de Género, revelando que as respostas de desenvolvimento não revelaram possuir variabilidade significativa entre género feminino e masculino. Não se confirmando a hipótese que sugeria a existência de diferenças de género ao nível da Identificação com o grupo e consequente diferenciação

e percepção de dimensão do grupo, visto que as respostas desenvolvidas poderiam justificar ou fornecer informação mais detalhada acerca dos resultados anteriores. No entanto, os resultados anteriores também não revelaram a existência de um efeito principal de género, excepto a diferença verificada ao nível da interação entre Religião e Género na variável “Diferenciação”. Neste sentido, considera-se que poderá existir um caso em que a tendência geral para a maior acentuação da religiosidade feminina em contraste com a masculina, referida na literatura, não se confirma (e.g. Stark, 2002; Hoffmann & Miller, 1995; Bruce & Trzebiatowska, 2012). Pensa-se que poderão existir influências do contexto social, cultural ou biológico em que os participantes se encontram que são desconhecidas e que igualam o grau de religiosidade feminino ao masculino. Neste sentido, os resultados da análise das respostas desenvolvidas apontam num sentido semelhante aos resultados apresentados anteriormente.

Quando perguntado qual considerava ser a opinião de outros indivíduos acerca da religião do participante, a categoria de resposta que revelou ser significativamente diferente nas duas condições da variável “Religião” foi a “Negativa”. Verificou-se que grande parte dos participantes que se declaram como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, consideram que existe uma opinião negativa por parte de outros indivíduos acerca da sua religião, em maior proporção que os participantes que se identificam como pertencentes à Religião Cristã Católica justificada supondo o desconhecimento de outros ou existência de preconceito por parte dos outros indivíduos.

Este resultado revela que existe uma tentativa de proteger a identidade do grupo e a auto-estima justificando a possível opinião negativa com características negativas dos outros indivíduos, como a estereotipização. Este resultado encontra-se de acordo com a literatura, pois a existência de maior identificação com o grupo exige que se proteja a identidade do mesmo, procurando proteger a própria auto-estima e auto-

conceito através de descredibilizar a opinião negativa de outros com conotação negativa acerca da mesma, tendo o objetivo de tornar o *in-grupo* mais positivamente distinto (Tajfel & Turner, 1979).

Quando questionado como se sentiria se tivesse que mudar de religião, os resultados acerca das diferenças de respostas revelam que a maioria (61.4%) dos participantes declarados pertencentes ao grupo da Religião Cristã Evangélica recusam considerar esta hipótese e que, em contraste os participantes que se afirmam pertencentes à Religião Cristã Católica revelam encarar a mudança de forma positiva ou com indiferença.

Este resultado confirma a hipótese de que existe uma maior Identificação com o grupo por parte dos participantes que afirmam pertencer à Religião Cristã Evangélica, pois a recusa de mudança evidencia a integração do indivíduo numa categoria em que se define a si e ao grupo e a recusa de abandonar esse grupo revela a existência de semelhança do indivíduo com o mesmo e a representação de uma entidade cognitiva que revela ter significado para o indivíduo, conforme referido por Tajfel (1974).

Quando perguntado se o participante já tinha tido alguma preferência religiosa para além da sua, os resultados acerca das diferenças de respostas revelaram que uma parte dos participantes que se identificam como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, pertenceram ao Catolicismo. Este resultado evidencia a possível existência de um grau da inclusão superior no grupo religioso a que pertencia anteriormente, e de diferenciação menor, tendo existido a necessidade de integrar um grupo com menor inclusão mas que evidenciava uma maior diferenciação, de acordo com Brewer (1991).

Tendo em consideração os itens 9.1.1 e 9.4.1, em que o participante considera a importância da sua religião em relação a outras e a fiabilidade dos ensinamentos da própria religião em relação aos de outras religiões, respetivamente, os resultados



revelaram que existe uma preferência pela justificação em função da própria religiosidade por parte dos participantes que se consideram pertencentes à Religião Cristã Evangélica, ou seja, dos conhecimentos que possuem sobre a religião através da fé. Em contraste, os participantes declarados como pertencentes à Religião Cristã Católica apenas o fazem em reduzida proporção em ambos os itens.

Os participantes que se afirmam pertencentes à Religião Católica no caso do item 9.4.1 acerca da comparação de fiabilidade dos ensinamentos, procuraram responder através de justificações que realçam a importância independente e individual de cada religião em si, ignorando comparações de religião, e a existência de semelhança religiosa em termos de ensinamentos e da sua validade, assumindo que são transmitidos de formas diferentes, mas são ensinamentos semelhantes. Estes resultados evidenciam a superior Identificação com o grupo por parte dos participantes que consideram pertencer ao grupo Cristão Evangélico, sendo que justificam a diferenciação feita através da religiosidade, da identidade do grupo. Desta forma, verifica-se que a identificação com o grupo é maior, o que se traduzirá numa mais elevada diferenciação, confirmando as hipóteses que assumiam que a identificação e diferenciação seriam superiores no grupo minoritário que se declara pertencente à Religião Cristã Evangélica e mais próximo da distintividade óptima, segundo Brewer (1991), verificando-se menor identificação e diferenciação para os participantes que declaram pertencer à Religião Cristã Católica, o grupo maioritário, sendo que este resultado é confirmado pela literatura referida.

Quando questionados acerca da comparação entre a conotação das características de indivíduos de outras religiões em comparação com a sua (se os indivíduos tinham características piores ou melhores que o participante), no item 9.3.2, as respostas dos participantes revelaram diferenças significativas a nível da resposta através de “Legitimidade Religiosa” que explicita justificações com base nos ensinamentos da

própria religião a que o participante pertence. Os resultados revelaram que, considerando os dois grupos religiosos, apenas participantes que se identificam como pertencentes à Religião Cristã Evangélica respondem com base neste tipo de justificação. É revelado, mais uma vez, a existência de um elevado grau de identificação com o grupo e a diferenciação com o *out-grupo*, utilizando a existência de características comuns ao *in-grupo* para efetuar a diferenciação com o *out-grupo*, identificando ou avaliando características do *out-grupo*, a discriminação intergrupar referida na literatura (Leonardelli e Toh, 2015). Estes resultados apontam no sentido da confirmação das hipóteses referidas acerca do grau de identificação com o grupo e diferenciação, sendo superior no grupo religioso que se declara pertencente à Religião Cristã Evangélica, pois constitui uma minoria mais aproximadamente optimamente distinta.

Em suma, os resultados, de acordo com a literatura, apontam para a confirmação das hipóteses previamente definidas, excepto a hipótese de que existiriam diferenças de género, em que o género feminino iria apresentar um grau da identificação com o *in-grupo* mais acentuado, o que se traduziria em maior diferenciação, contrastando com o género feminino. No entanto, são realçadas as diferenças, considerando o contexto de Portugal, entre grupo religioso minoritário e maioritário, sendo que os participantes identificados como pertencentes à Religião Cristã Evangélica, representam o grupo religioso minoritário e os participantes identificados como pertencentes à Religião Cristã Católica, representam o grupo maioritário. Estas diferenças à luz da Teoria da Distintividade Ótima (Brewer, 1991) existem ao nível da identificação com o grupo e da diferenciação com o *out-grupo*, bem como relativamente à perceção do grupo enquanto minoria ou maioria, sendo mais acentuadas no grupo religioso minoritário em estudo, como esperado, pois de acordo com esta teoria, é um grupo mais aproximado da

distintividade ótima, conseguindo satisfazer com maior sucesso as necessidades de diferenciação e assimilação, garantindo, de acordo com a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1974) uma maior coesão grupal e a integração do indivíduo numa categoria social que caracteriza o grupo e confere definição ao indivíduo.

## Considerações Finais

Nesta dissertação, verificou-se repetidamente a confirmação das hipóteses que postulavam a existência de diferenças, relativamente aos grupos religiosos das religiões Cristã Evangélica e Cristã Católica, representando estes um grupo minoritário e maioritário, respetivamente, considerando o contexto de Portugal, em identificação com o *in-grupo*, diferenciação em relação ao *out-grupo* e perceção de dimensão do *in-grupo* (maioria/minoria). Sendo que se confirmou que o grupo minoritário pertencente à religião Cristã Evangélica evidenciava uma maior identificação por parte dos indivíduos com o *in-grupo*, uma maior diferenciação em relação a *out-grupo* e uma perceção de dimensão de grupo mais próxima da minoria. Em contraste, o grupo maioritário, pertencente à religião Cristã Católica revelou possuir uma identificação com o grupo menor, por parte dos indivíduos, e consequentemente uma diferenciação em relação a *out-grupo* menor, estando a perceção de dimensão de grupo mais próxima da maioria.

Foi demonstrado que o grupo de indivíduos que se identificam com a religião Cristã Evangélica se encontra mais próximo da distintividade ótima, por representar uma maior possibilidade de satisfazer ambas as necessidades de assimilação e diferenciação, comparativamente ao grupo religioso de indivíduos que se identificam como Cristãos Católicos.

As diferenças de género não demonstraram ser significativas de um modo geral, no entanto, é possível concluir que, considerando um grupo minoritário religioso, como o de indivíduos pertencentes à religião Cristã Evangélica, a discriminação do género feminino difere do masculino, sendo mais acentuada, enquanto no grupo maioritário em questão verificou-se uma diferença de género no sentido oposto, considerando a existência tendência geral neste grupo para menor discriminação.

Foi, assim, possível explicar a forma como se comportam as dimensões “género”

e “religião” relativamente às variáveis dependentes mencionadas, podendo observar as diferenças entre os grupos religiosos e compreender de que forma estes se assemelham a outros grupos sociais com dimensão semelhante, relativamente à sua distribuição considerando as variáveis dependentes.

## Limitações do Estudo e Estudos Futuros

Ao longo de todas as etapas do estudo foram identificadas algumas limitações e aspetos que poderiam receber uma abordagem distinta, em seguida serão referidos alguns desses aspectos.

Na construção do questionário, poderia ter sido interessante incluir a idade dos participantes de forma a compreender de que forma as variáveis dependentes, Identificação com o grupo, Diferenciação e Perceção de Maioria/Minoria, se distribuem conforme a faixa etária.

No momento da recolha de dados revelou-se difícil recolher uma amostra de indivíduos que se identificassem com a religião Cristã Evangélica, uma vez que é uma religião que representa uma minoria em Portugal, quando comparada com a religião Cristã Católica.

Depois de aplicado o questionário e após recolha das respostas, foi necessário retirar um elevado número de participantes por não responderem a grande parte de itens. A ausência de respostas a vários itens poderá ser explicada por dificuldades por parte dos participantes no preenchimento do questionário através da plataforma *Qualtrics*, pela falta de interesse ou tempo por parte dos participantes para preenchimento do questionário ou mesmo por não perceberem o que se pretendia.

Na fase de categorização das respostas abertas, existiram alguns obstáculos na concordância em algumas categorias, devido à dificuldade de conceptualização das categorias e integração das respostas nas mesmas, considerando a existência de alguma ambiguidade nas respostas providenciadas e anteriormente às respostas, a possível ambiguidade ou dificuldade na interpretação das perguntas colocadas, nomeadamente o caso do item 7, em que a pergunta “Alguma vez teve outra preferência religiosa além da

sua? Se sim, qual?” poderá suscitar dúvidas em relação à localização temporal a que se refere a pergunta, podendo ser uma preferência religiosa passada, em relação à que revela atualmente (como foi admitida e analisada a questão), ou uma eventual preferência enquanto se encontra presentemente ligado a uma religião.

Em estudos futuros, considera-se pertinente ter em conta as idades dos participantes, uma vez que alguns estudos demográficos (Pew Research Center, 2010) e segundo alguns autores (Stark, 1968; Davie & Vicent, 1998) indivíduos de faixas etárias mais avançadas apresentam um nível de religiosidade e fé maior do que indivíduos pertencentes a faixas etárias mais jovens. Além disso, ao atentar nas idades dos participantes, poderá ser possível obter informação acerca da existência de uma relação entre a perceção do papel da mulher na sociedade e a sua religiosidade (De Vaus & McAllister, 1987), tendo em conta a idade, sendo que membros do sexo feminino poderão ter conceções diferentes do papel da mulher na sociedade e este aspeto ter influência no grau de religiosidade.

Pensa-se que será proveitoso, em estudos futuros, a obtenção de informação acerca de formas mais extremas de diferenciação como a discriminação, sendo que poderá obter-se informação acerca do papel da religião em questões como a guerra de uma forma mais direta. Podendo representar uma forma de compreender como a discriminação se intensifica de forma a gerar violência e agência criminosa em função da própria religião.

Considera-se a importância das limitações reveladas neste estudo, para a possível replicação ou desenvolvimento do mesmo, sendo que se sugere que haja experimentação e pré-teste minucioso das questões aplicadas, pois a interpretação das questões poderá ter conferida alguma variabilidade. Não se considera que não tenha existido um pré-teste minucioso neste estudo, no entanto, existiram limitações ao nível

da interpretação, parecendo revelar-se no contexto religioso elevada necessidade de objectividade nas questões, não deixando margem para interpretações divergentes das questões.



## Referências Bibliográficas

- Bernardo, M. F. C. (2011). *Place Identity or the Place of Identity: contribution to a theory of social identity of place*. (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora)
- Bradshaw, M., & Ellison, C. G. (2009). The Nature-Nurture Debate is Over, and Both Sides Lost! Implications for Understanding Gender Differences in Religiosity. *Journal for the scientific study of religion*, 48(2), 241–251. doi:10.1111/j.1468-5906.2009.01443.x
- Brewer, M. B. (1993). Social identity, distinctiveness, and in-group homogeneity. *Social Cognition*, 11(1), 150–164. doi: 10.1521/soco.1993.11.1.150
- Brewer, M. B. (1991). The Social Self: On Being the Same and Different at the Same Time. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(5), 475–482. doi: 10.1177/0146167291175001
- Cochran, W. (1954). Some Methods for Strengthening the Common  $\chi^2$  Tests. *Biometrics*, 10(4), 417-451. doi:10.2307/3001616
- Campbell, D. T. (1958). Common fate, similarity, and other indices of the status of aggregates of persons as social entities. *Behavioral Science*, 3, 14–25. doi:10.1002/bs.3830030103
- Davie, G. & Vicent, J. (1998). Progress Report: Religion and old age. *Ageing and Society*, 18, 101-110.

- De Vaus, D., & McAllister, I. (1987). *Gender Differences in Religion: A Test of the Structural Location Theory*. *American Sociological Review*, 52(4), 472. doi:10.2307/2095292
- Ellison, C. G. (1993). Religious involvement and self perception among Black Americans. *Social Forces*, 71(4), 1027–1055. doi:10.2307/2580129
- Greenfield, E. A., & Marks, N. F. (2007). Religious social identity as an explanatory factor for associations between more frequent formal religious participation and psychological well-being. *International Journal for the Psychology of Religion*, 17(3), 245–259. doi:10.1080/10508610701402309
- Hassner, R. E., & Horowitz, M. C. (2010). *Debating the Role of Religion in War*. *International Security*, 35(1), 201–208. doi:10.1162/isec\_c\_00008
- Horowitz, M. C. (2009). *Long Time Going: Religion and the Duration of Crusading*. *International Security*, 34(2), 162–193. doi:10.1162/isec.2009.34.2.162
- Krause, N. (1995). Religiosity and self-esteem among older adults. *The Journals of Gerontology: Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 50(5), 236–246. doi:/10.1093/geronb/50B.5.P236
- Krause, N., & Wulff, K. M. (2005). Church-Based Social Ties, A Sense of Belonging in a Congregation, and Physical Health Status. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 15(1), 73-93. doi: 10.1207/s15327582ijpr1501\_6
- Leonardelli, G. J., & Toh, S. M. (2015). Social categorization in intergroup contexts: Three kinds of self-categorization. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(2), 69–87. doi:10.1111/spc3.12150

- Lickel, B., Hamilton, D. L., Wierzchowska, G., Lewis, A., Sherman, S. J., & Uhles, A. N. (2000). Varieties of groups and the perception of group entitativity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 223–246. doi:10.1037/0022-3514.78.2.223
- Miller, Alan S., and John P. Hoffmann. (1995). Risk and Religion: An Explanation of Gender Differences in Religiosity. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 34(1), 63-75.
- Pew Research Center. (2010). *Religion Among the Millennials*. [Demographic analysis]. Retrieved from <https://www.pewforum.org/2010/02/17/religion-among-the-millennials/>
- Pew Research Center. (2016). *The Gender Gap in Religion Around the World*. [Demographic analysis]. Retrieved from <https://www.pewforum.org/2016/03/22/the-gender-gap-in-religion-around-the-world/>
- Pires, N. L. (2018). O fator religioso nos conflitos. *Imprensa da Universidade de Coimbra*, 265-286. doi:10.14195/2183-8925\_36\_13
- Schnabel, L. (2016). The Gender Pray Gap: Wage Labor and the Religiosity of High-Earning Women and Men. *Gender & Society*, 30(4), 643–669. doi:10.1177/0891243216644884
- Simon, B., Pantaleo, G., & Mummendey, A. (1995). Unique individual or interchangeable group member? The accentuation of intragroup differences versus similarities as an indicator of the individual self versus the collective self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(1), 106–119. doi:10.1037/0022-3514.69.1.106

- Smith, E. R., Mackie, D. M., & Claypool, H. M. (2015). *Social psychology* (4th ed.). Psychology Press.
- Smith, C. B., Weigert, A. J., & Thomas, D. L. (1979). Self-esteem and religiosity: An analysis of Catholic adolescents from five cultures. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 18(1), 51–60. doi:10.2307/1385378
- Spears, R., Scheepers, D., Jetten, J., Doosje, B., Ellemers, N., & Postmes, T. (2004). Entitativity, Group Distinctiveness and Social Identity: Getting and Using Social Structure. In
- V. Yzerbyt, C. Judd, & O. Corneille., *The Psychology of Group Perception: Perceived Variability, Entitativity, and Essentialism* (pp.219-235). New York: Psychology Press. doi:10.4324/9780203644973
- Stark, R. (1968). Age and Faith: A Changing Outlook or an Old Process?, *Sociology of Religion*, 29, 1-10. doi:10.2307/3710428
- Stark, R. (2002), Physiology and Faith: Addressing the “Universal” Gender Difference in Religious Commitment. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 41, 495-507. doi:10.1111/1468-5906.00133
- Stilwell, P. (1995). A Religião, Factor de Conflito e Potencial de Paz. *Nação e Defesa*. doi: 10400.26/1603
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information/sur les sciences sociales*, 13(2), 65–93. doi:10.1177/053901847401300204

- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin & S. Worchel (Eds.) *The Social Psychology of Intergroup Relations*, 56-66.
- Thompson Jr. E. (1991). Beneath the Status Characteristics: Gender Variations in Religiousness. *Journal for the Scientific Study of Religion* 30(4).
- Trzebiatowska, M. & Bruce S. (2012). *Why Are Women More Religious Than Men?*, 172-175.
- Woodhead, L. (2008). Gendering Secularization Theory. *Social Compass*, 55(2), 187–193. doi: 10.1177/0037768607089738
- Woodhead, L. (2012). Gender Differences in Religious Practice and Significance. *Travail, genre et sociétés*, 27(1), 33-54. doi:10.3917/tgs.027.0033
- Wulff, D. M. (1991). *Psychology of religion: Classic and contemporary views*. John Wiley & Sons.

Anexo A - Questionário: Distintividade Ótima e Identidade Social em Grupos Religiosos

Questionário – Distintividade Ótima e Identidade Social em Grupos Religiosos

Religião: \_\_\_\_\_

Género: \_\_\_\_\_

Qual considera ser a importância que religião representa na sociedade?

Qual a sua opinião acerca da dimensão da sua religião, considera ser uma minoria ou uma maioria, em Portugal? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “minoria” e 7 a “maioria”).

Minoria

Maioria

1      2      3      4      5      6      7

3.

3.1. Pertence a algum grupo religioso?

Sim\_      Não\_

3.3. Considera integrar um grupo religioso minoritário ou majoritário? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “minoritário” e 7 a “majoritário”).

Maiores

1      2      3      4      5      6      7

5. Assinale a opção que considera relevante. Relativamente às afirmações seguintes indique em que medida concorda (1 significa “discordo totalmente” e 7 significa “concordo totalmente”).

5.5- Sinto que pertenço a este grupo religioso. 1 2 3 4 5 6 7

Se tivesse que mudar de religião, como se sentiria?

7. Alguma vez teve outra preferência religiosa além da sua? Se sim, qual?

Sim\_ Não\_

8. Assinale a opção que considera relevante. Caso pertença a um grupo religioso (1 significa “discordo totalmente” e 7 significa “concordo totalmente”):

### 8.1-Se alguém elogiasse ou criticasse o grupo religioso

a que pertença, iria sentir como pessoal.

8.2- Sinto-me parte do grupo religioso a que pertenço. 1 2 3 4 5 6 7

8.3- Sinto-me ligado às pessoas do grupo. 1 2 3 4 5 6 7

8.4- Tenho prazer em pertencer a este grupo. 1 2 3 4 5 6 7

8.5- Este grupo traz-me felicidade ou satisfação. 1 2 3 4 5 6 7



9.

9.1 Considera que a sua religião é mais importante/melhor do que as outras? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igual importância” e 7 a “mais importante/melhor”).

Igual Importância

Mais Importante/Melhor

1      2      3      4      5      6      7

9.1.1 Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.

9.2 Considera que o grupo religioso a que pertence é mais importante/melhor do que os outros? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igual importância” e 7 a “mais importante/melhor”).

Igual Importância

Mais Importante/Melhor

1      2      3      4      5      6      7

9.3 Considera que existem características que categorizam os indivíduos das outras religiões?

Sim\_ Não\_

9.3.1 Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, assinale a opção com que concorda.

Na sua opinião, são características melhores ou piores em relação à sua religião? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “piores características” e 7 a “melhores características”).

Piores Característica

Melhores Características

1

2

3

4

5

6

7

9.3.2 Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.

9.4 Considera que os ensinamentos fornecidos pela sua religião são mais fiáveis do que os das outras? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igualmente fiáveis” e 7 a “mais fiáveis”).

Igualmente Fiáveis

Mais Fiáveis

1

2

3

4

5

6

7

9.4.1 Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.

## Anexo B - Tabela de Categorização das Respostas ao Questionário

### *Item 4 - Qual considera ser a opinião dos outros sobre a sua religião?*

---

<i>Positiva</i>	<p>Julgo que é a religião predominante no meu país, portanto considero que a opinião é positiva.</p> <p>Acho que as pessoas mais próximas respeitam os meus ideais, apesar de não acreditarem por falta de provas concretas e também por ideais considerados como desatualizados.</p> <p>Bastante positiva.</p> <p>Penso que consideram uma religião mais pacífica, sem muitos conflitos, o que a torna, em parte, apelativa.</p> <p>Partilha da crença num ser superior, o que transmite segurança e esperança em acontecimentos positivos.</p> <p>Dado que a religião cristã católica é a religião maioritária acho que os outros julgam ser "normal" possuir a mesma religião que a maioria das outras pessoas. No entanto, também é perceptível que os mais jovens cada vez menos dão importância a esse fator quando julgam ou conhecem alguém novo.</p> <p>Positiva.</p> <p>Considero que a maioria acha que a religião tem um grande marco na vida diária.</p>
-----------------	---

Creio que respeitam, apesar de puderem não acreditar.

Os outros acham muito bem, como é óbvio. Eu é que acho que é uma perda de tempo quando podíamos fazer outras coisas melhores.

As pessoas têm tendência a ter uma opinião favorável face à religião católica e a concordarem com ela.

Aceitam-na.

Respeitam.

De respeito.

Positiva.

Boa opinião no geral.

Boa.

Considero que os outros respeitam a minha religião, mas que por vezes não a compreendem.

Boa.

Relativamente às pessoas não católicas que conheço, aceitam e respeitam.

Aceitam.

Respeito.

Compreensão.

Considero que, no meio em que vivo, as pessoas concordam com a minha religião, respeitam e participam.

Aceitam.

Muito boa.

Boa.

Boa.

Positiva.

Aqueles que conhecem a minha religião, positiva.

As opiniões divergem. No entanto, como professora e contactando com variadíssimas pessoas, é considerada uma religião na qual existe uma grande entreaajuda.

Vida em Cristo.

Positiva.

Penso que positiva, mesmo não conhecendo o seu conteúdo.

A opinião é boa, porque eles sabem que pela Árvore se conhece os frutos.

Considero que acham que a minha religião é um pouco mais liberta do que outro tipo de religião, no sentido em que os princípios se adequam à realidade temporal. Consideram que é

um religião mais jovem e dinâmica.

Muitos com quem falo simpatizam, acreditam que existe alguém superior. Mas dizem que os pais já eram católicos, apesar deles serem não praticantes, o que não entendo! Ou se é ou não é.

---

*Negativa*

Desatualizada pela igreja.

Que apesar de ter bons valores, a história revela factos menos dignos. Para além disso, os mais altos representantes assemelham-se mais a políticos.

Acham que a igreja serve interesses e deveria estar mais próxima das pessoas.

Penso que cada vez há mais pessoas que não acreditam em nenhuma religião.

Todos apontam que a religião condiciona certos aspetos da vida pessoal e em sociedade.

Muitas pessoas são descrentes naquilo que a Bíblia diz e muitas não se identificam com a religião pela forma como a Igreja a põe em prática. Para além disso, é concordante que a religião fomenta bons valores e nos dá uma espécie de segurança.

Quem não acredita de, todo, em nenhuma religião penso que pouco ou nada opinam. As pessoas que pertencem a outra religião, sinceramente, penso que não respeitam muito a religião

católica e que por vezes, até tentam desacreditá-la.

A meu ver muitas pessoas não acreditam que deus existe.

Acho que desvalorizam um pouco o facto de ser religiosa.

Muitas vezes pensam que é retrograda e hipócrita. Acho que o pior mesmo é quando falam algo que não é verdade porque nos intitulamos católicos, mas não vivemos como católicos... É um longo caminho a percorrer para que todos possamos viver em harmonia e dar espaço ao diálogo na vez de agredir os outros porque pensam diferente. Independentemente de ser retrograda ou não e até hipócrita às vezes (o que me corroí por dentro), faz falta escutar o outro, sejam católicos, protestantes, budistas, muçulmanos, hindus, mormons.

Pagão.

Uma farsa.

Considero que os outros pensam que a religião Cristã poderá ser menos fiável que a deles devido aos ensinamentos que cada uma prega, para ateus talvez seja vista como dogmática e infundada.

Muitos preconceitos e pouco conhecimento.

A igreja evangélica em Portugal não é vista com muito bons olhos.

Uma religião um pouco difamada pelos media, mas como tantas

outras.

Ainda há muito desconhecimento.

Há muito desconhecimento.

Eu acho que as outras pessoas acham que a nossa religião prende as pessoas.

Depende do próprio conceito religioso que as outras pessoas têm. As religiões evangélicas provêm inicialmente do protestantismo, aquando da contestação de Lutero e Calvino com a igreja católica apostólica romana. Daí que os católicos ainda (por falta de conhecimento) lhes custe aceitar os evangélicos.

As pessoas focam-se demasiado em nomes e estereótipos em vez de se focarem no que realmente existe: um só Deus que deseja ter a nossa atenção e dar-nos vida de verdade.

Pela visibilidade negativa passada por outras denominações e pelos media, a opinião de "outros" penso ser algo negativa.

Normalmente sempre muito errada, pelas maus testemunhos de pessoas. No entanto, o facto de vivermos de acordo com os princípios de Deus (bíblicos) torna-se loucura para a sociedade pois o que é certo hoje em dia é loucura para o mundo.

Exemplo: mentir. Somos falhos, mas tentamos não mentir pois sabemos que é pecado e Deus não se agrada. Não há mentira



nem mentirinha para nos é tudo igual. No entanto, no mundo já é normal.

Pouco precisa.

Existe preconceitos estabelecidos por falta de conhecimento.

Negativa.

Negativa, em geral há preconceito.

Como somos uma igreja bíblica batista, e a nossa regra de fé e prática da Bíblia, acredito que possamos muitas vezes sermos taxados de fundamentalistas e de retrógrados. Algo que recebemos com agrado, pois somos claramente conservadores e fundamentados na doutrina de Cristo e dos apóstolos.

Fundamentalista.

Depende das pessoas, mas parte da igreja evangélica merece ser considerada louca, enquanto que o Cristianismo Bíblico, normalmente é taxado de fanático, ou fundamentalista.

Muitos desconhecem de todo ou têm ideias erradas.

Acham irrelevante e sem interesse.

Às vezes mal interpretada, devido a excessos de alguns grupos, às vezes mal conhecida.

Infelizmente má devido ao fraco testemunho.

Não muito esclarecida, dado que a reforma não entrou em Portugal. Mas o caminho faz-se caminhando....

Confundem com seitas.

Ultrapassada e "retro".

---

*Neutra*

Que também têm falhas e bastante história negativa, apesar de muita positiva também.

Depende, existem muitas opiniões diferentes.

Acho que existem pessoas que respeitam, as que não respeitam, e aqueles que não querem saber.

Considero que, qualquer pessoa pertencente ao continente europeu dirá a mesma resposta que eu.

Geralmente favorável, mas com algum preconceito ou desconhecimento em certos temas.

Para uns bem, para outros mal.

Nenhuma.

Normal.

Cada vez menos relevante.

Penso que lhes é irrelevante.

Igual.

Pouco relevante.

Ser a mais comum.

Tradicional.

Comum.

Tradição.

Para alguns somos loucos, para outros somos servos de Deus.

Cada um vê conforme a sua necessidade. Ex: Quando descobrem alguma doença recorrem às nossas orações.

Para muitos somos radicais, contudo há sempre o oposto, há quem pense que somos pessoas que estamos a viver o que deus tem para nós.

Variadas opiniões até nos visitarem. Quando nos visitam por norma ficam surpreendidos pela positiva.

Nenhuma.

Mais uma religião.

---

*Não sabe/*

Não tenho.

*Não responde*

Não sei.

Não sei.

Não sei.

Não responde.

Não sei.

Não sei.

Esta pergunta tem que ser feita aos outros.

Não é relevante para mim.

Depende dos outros a que nos referimos. Os jovens atualmente já não são tão crentes como os mais idosos, apesar de ainda existir uma pequena minoria muito crente.

Depende de quem são os outros.

Não me interessa a opinião dos outros, vivo a minha vida centrada na minha crença e convicção, a opinião dos outros não me diz respeito.

Não responde.

Não sei.

Não tenho opinião.

Não responde.

Não responde.

Não me interessa particularmente.

Não me interessa.

Não sei.

...

Não sei.

Não sei.

O meu Jesus é a minha religião.

Não penso muito sobre isso. Quando começamos a opinar sobre os outros já começa mal.

Positiva / Negativa / Neutro, é subjetivo.

Alguns preferem a minha à sua própria, porque se identificam mais com os ensinamentos, mas por causa dos outros não querem dar o passo. Outros não fazem ideia dos ensinamentos da sua própria religião, ficam indiferentes.

Considero ser importante, muito importante, as religiões tementes ao Deus Altíssimo.

*Item 6 - Se tivesse que mudar de religião, como se sentiria?*

---

*Positiva*

A minha religião foi-me socialmente imposta, não foi uma escolha. Quando pude escolher, escolhi não a praticar. Portanto, mudar de religião seria, a meu ver, poder escolher a religião que mais me faz sentido, sem que ela me seja imposta. Nesse sentido, não seria difícil mudar de religião.

Bem, mudaria para algo com o qual me identificaria mais.

Sentir-me-ia bem, porque ao tomar essa decisão estaria a pôr em prática outra religião com a qual me identificaria mais em termos de prática e de valores.

Não teria qualquer problema em mudar de religião somos seres livres e pensantes.

Desde que me sentisse bem comigo e existisse respeito pelos outros, sentir-me-ia igual

Bem.

Aberto a tentativa de compreensão.

Nunca ponderei mudar de religião, mas se o fizesse seria por ser uma decisão tomada e ponderada por mim, portanto sentir-me-ia bem com isso, apesar de poder ser algo desconhecido.

Feliz.

Se mudasse, seria porque efetivamente me faria sentir melhor ou

me daria outro tipo de à vontade na vida. Sentir-me-ia bem.

Penso que dependendo dos ideais da nova religião, se estes coincidissem com a minha identidade, sentiria que esta seria mais fidedigna e fácil de acreditar.

Tranquilo, pois se mudasse é porque queria.

---

*Negativa*

Nu.

Destroçado e sem jeito.

Talvez deslocado, porque a religião onde me encontro é aquela com que mais me identifico.

Provavelmente um pouco perdida, uma vez que a religião a que pertenço incutiu—me determinados valores e comportamentos.

A mudança de religião implicaria a mudança de determinados valores e comportamentos, apesar de haver alguns aspetos semelhantes, o que poderia resultar numa perda de identidade.

Confuso e fora da minha zona de conforto. Penso que iria ter impacto em todos os aspetos da minha vida, direta ou indiretamente.

Destroçado.

Um bocado perdido.

Sentir-me-ia pouco informada e desintegrada. Mas se deixasse a

religião católica seria para integrar um grupo de reflexão e proteção da natureza, sem grandes regras e teorias miraculosas.

Sentiria pouco enquadrada nessa outra religião.

Desconfortável.

Acho que seria chato, mas que me adaptava.

Sentiria-me mal porque ia fazê-lo contra a minha vontade.

Confusa.

Crescendo com a educação católica penso que seria muito difícil confrontar me com outras crenças e ideais.

Mal.

Mal.

Mais uma vez, reforço a importância dos princípios.

Incompleto.

Mal.

Depende das razões, mas imagino que para mudar de religião seria por descobrir que outra religião faria mais sentido na minha vida, seria por encontrar algo que não sabia existir então imagino que me sentiria feliz. Caso fosse 'obrigada', isso não aconteceria, porque o que vive cá dentro eu decido!

Mal, pois teria de esconder as minhas crenças e fingir acreditar



naquilo em que não acredito. Não seria verdadeira.

Desconfortável. Contrariada.

Não entendo em que sentido teria de mudar. Se fosse por opção, não seria uma experiência negativa pois seria o reflexo de uma transformação interior. Todos temos o direito de mudar e de nos adaptar. Se fosse um ato forçado não seria encarado com vontade, claro, independentemente de ser uma mudança e religião ou de opinião moral ou até política.

Ultrajado.

Enganado.

Mal.

Péssima.

Muito mau.

Teria que estar muito mal.

Mal.

Sozinha.

Desintegrada, forçada.

Muito mal, porque sairia da minha identidade.

Frustrada, confusa.

Não me vejo a fazer tal coisa. Se tivesse de o fazer sentiria-me horrível. Fora de mim.

Mal.

Triste.

Mal.

Inadaptado.

Coagido.

Infeliz.

Sem vida espiritualmente.

---

*Não sabe/* Não sei, nunca pensei nisso. Talvez diferente porque acho que mudar a religião implica ver a vida segundo uma outra perspectiva.

*Não responde* Não sei.

Nunca pensei no assunto.

Não sei.

Não sei.

Não sei.

Não sei.

Nunca pensei nisso, não sei como me iria sentir.

Depende da religião e dos propósitos.

Tudo depende do que sentimos no momento.

Não responde.

Já mudei e foi uma boa escolha.

Não sei.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

---

*Indiferença*

Normal.

Sem problemas.

Normal.

Normal. Nada de especial.

Muitas religiões têm ramos comuns. O mais importante é identificarmos com os valores.

Seria ateu e cada vez me inclino mais para isso.

Indiferente.

Normal.

Normal.

Normal, todas estão igualmente erradas.

---

<i>Não considera essa hipótese</i>	Não queria mudar de religião mas sim mudar algumas coisas da minha religião.
	Não mudaria.
	Não é uma opção.
	Não mudava, acredito que todas as religiões são iguais mas com interpretações diferentes consoante a região do globo onde prosperaram.
	Não considero essa hipótese.
	Não mudaria.
	Nunca mudaria em caso algum.
	Nada me fará mudar a minha religião, porque a minha religião é Cristo e ele me acompanham pela vida fora.
	Não mudaria.
	Não mudaria jamais.
	Não mudava.

Não mudo.

Não mudo.

Não mudaria.

Não me vejo na pergunta.

Não me vejo mudar de religião.

Não o faria, simplesmente. Até porque sinto que não sigo religião, mas Jesus. E Jesus não é religião.

Para mim é difícil falar de religião, prefiro falar de Deus. Não me sinto religioso, não sou religioso, sou temente a Deus e congrego numa comunidade onde todos adoram a Deus.

Não mudava.

Não mudo. Estou bem com Jesus Cristo.

Não mudaria, ou manteria os meus conceitos e não pertenceria a nenhuma outra.

Não tenho que o fazer, foi-me dado o livre arbítrio.

Não mudaria, o Deus é o mesmo só as igrejas é que são diferentes culturas e você vai na que você se sentir melhor.

Não o faria.

Não acontecerá.

Não mudaria é algo impensável. Já fui católica e sei dar o ver a diferença que existe.

Não é uma opção. Não mudaria.

Não mudaria, faz parte da minha identidade.

Não mudaria e nem sequer coloco essa hipótese! Estou onde escolhi e onde quero estar!

Nunca o faria.

Acho que o importante é seguir Jesus, que não veio pregar religião mas sim Salvação. Quem ele mais criticava era os fariseus e escribas (que eram os que eram religiosos sabiam a lei mas não praticavam).

Não considero uma religião, a religião e os títulos não salvam ninguém. Pertencço à Convenção das Assembleias de Deus em Portugal. Quando Jesus Cristo fundou a igreja não lhe deu nome, simplesmente foram chamados cristãos por seguirem a Cristo.

Nem sequer poderia colocar essa questão, pois Jesus disse:

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertara” Joao 8:32.

Seria o mesmo que um escravo no fim de liberto, querer voltar para a servidão.

Essa questão não se coloca.

Não considero essa opção possível para mim e para qualquer cristão bíblico.

Não mudava.

Nunca mudarei de religião, já que o cristianismo é a verdade; ou melhor, Cristo é a encarnação da verdade.

Não dá para mudar de religião, faz parte do meu estilo de vida.

Não seria possível. Forçada nunca.

Nunca me vejo em outra religião.

Depende do contexto. Difícil de responder

Não sei, porque essa opção não me passa pela cabeça. Sei que não seria o mesmo, certamente, mas não me passa mesmo pela cabeça.

Sigo a Deus e não uma religião, apesar de estar inserida numa igreja, se esta se desviasse dos ensinamentos bíblicos, mudaria.

Ninguém me pode obrigar a deixar de seguir a Deus.

*Item 7 - Alguma vez teve outra preferência religiosa além da sua? Se sim, qual?*

---

*Budismo*

Budismo.

Budismo - sou a favor da paz e harmonia na sociedade, assim sou a favor do respeito entre os indivíduos de uma comunidade.

Budismo.

Budismo.

Budismo.

Budismo.

---

<i>Agnósticismo</i>	Agnóstico.
---------------------	------------

---

<i>Islamismo</i>	Muçulmano.
------------------	------------

---

<i>Ateísmo</i>	Ateu.
----------------	-------

Ateísmo.

Sem grupo religioso.

Sem religião.

A religião do eu, onde o que interessava eram as minhas vontades, os meus desejos, e o meu conhecimento.

---

<i>Catolicismo</i>	Católica.
--------------------	-----------



Católica.

Católica.

Católica.

Católica.

Católica.

Católica.

Católica.

Eu era católico e agora sou evangélico.

Fui católica durante 15 anos antes de conhecer a religião evangélica.

Os meus pais criaram-me na católica, desde os 19 anos que tento perceber melhor Deus e o porquê de vivermos e de tanta dor no mundo. Para além de que nessa altura sofria de ataques de pânico. E quando de facto conheci pessoas da igreja evangélica ajudaram-me muito, inclusive o pastor foi um bom psicólogo. Hoje pela graça de Deus sei lidar com esses problemas.

Os meus pais educaram-me na católica. Quando tive entendimento busquei mais para conhecer Deus e fiquei e sou mais feliz com a evangélica.

<i>Wicca</i>	Wicca.
<i>Várias/ Indefinida</i>	<p>Poderia ser uma qualquer, era apenas para saber mais sobre a religião.</p> <p>Taoísmo/Budismo/Confucionismo.</p> <p>Budismo ou Hinduísmo.</p> <p>Agnosticismo, Ateísmo, Budismo.</p> <p>Na infância fui católico, mas na juventude inclinei-me às religiões orientais e à espírita, até que Deus me revelou o verdadeiro Evangelho.</p>
<i>Não sabe/ Não responde</i>	<p>Não identifiquei a pergunta.</p> <p>Não responde.</p> <p>Não responde.</p> <p>Não responde.</p> <p>Não responde.</p> <p>Não respondeu.</p>

*(Item 9.1. - Considera que a sua religião é mais importante/melhor do que as outras?*

*(Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a*

*“igual importância” e 7 a “mais importante/melhor”))*

*Item 9.1.1 - Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.*

---

*Valores/ Cultural* Não creio que nenhuma religião seja mais "verdadeira" ou mais factualmente correta que outra. Na verdade, julgo que todas assentam nos mesmo pressupostos e derivam da mesma coisa. Portanto, creio que todas têm a mesma importância e relevância.

Todas as religiões são válidas e devem ser respeitadas de igual forma. As religiões não devem se assumir como verdade absoluta e inquestionável, nem assumir superioridade sobre as outras. Na minha opinião ninguém sabe qual a verdade ou, consegue afirmar a 100% a existência de uma força superior, ou uma vida após a morte.

Porque todas as religiões são importantes na medida em que nos permitem ver a mesma coisa por outros pontos de vista.

A religião é construída pelos homens, não existindo uma verdade absoluta, de forma que uma religião não é, necessariamente, melhor do que outra. As pessoas pertencem a grupos religiosos geralmente por influência de familiares, por

proximidade ou por identificação com determinados valores, mas de um modo geral todas as religiões priorizam o bem sobre o mal, de forma que partilham um objetivo semelhante.

Porque são todas igualmente importantes na sociedade e não devia de haver distinções.

São todas iguais, mudam personagens e histórias mas tudo à volta do mesmo.

De um modo geral, todas as religiões apelam aos mesmos valores, divergindo nos Deuses, história, leis e organização. Se nos respeitarmos uns aos outros não seremos mais nem menos importantes.

Acho que todas tentam transmitir os mesmos valores e ensinamentos apesar de o explicarem de forma diferente.

São todas a mesma coisa. As religiões hebraicas são muito mais parecidas do que são diferentes. As religiões índicas não personalizam um deus pessoal patriarca e vingativo, ou têm múltiplos deuses ou não têm nenhum deus de todo. Todas as religiões têm uma coisa em comum, prometem que a vida é eterna, e isso, na minha humilde opinião é uma completa fantasia infundada sem qualquer tipo de evidência empírica. O que nós vemos é que se o cérebro é afetado, a alma e o comportamento são igualmente afetados, logo a vida depois da morte, se existir, é sem ligação ao espírito. Logo, considero que

todas as religiões sejam de igual importância, nenhuma.

Todas as religiões são de igual importância para os seus praticantes, nenhum se sobrepõe à outra porque o objetivo em todas é alcançar um bem maior.

Todas as religiões têm a mesma importância, não é por eu achar correto acreditar em Deus que não posso aceitar quem acredita no hinduísmo (onde se tem vários Deuses), ou quem acredita numa pessoa e em si mesma como no budismo.

Quero e vou respeitar as outras religiões . Como humanos, penso que temos que respeitar as escolhas e crenças de cada um. No entanto, existem religiões com as quais não concordo , de todo, com as práticas. Daí ter escolhido uma votação “ meio termo “.

Cada um acredita no que quer, desde que haja respeito comum, todas são importantes na história individual e da sociedade

Todas as religiões são importantes, porque cada uma delas faz parte de uma cultura diferente

Cada uma terá os seus pontos que também concordo e outros que também discordo. Tal como a minha.

A minha religião não é mais ou menos importante por ser a que eu vivo. No meu entender, todas as religiões desejam o mesmo, com mais ou menos imperfeição, viver o amor pleno. Fazer um

caminho de felicidade, viver plenamente descobrindo o que nos rodeia e o que somos.

Não pode existir hierarquias entre aquilo que é igualmente falso.

Todas as religiões são baseadas em histórias, com bem e mal misturado. Chegamos talvez a um ponto em que tudo está tão transformado que saber o que realmente aconteceu não passa de uma miragem. Ao mesmo tempo, tanto a Bíblia como o Corão têm prós e contras. Se no Corão falam em “guerra santa”, na Bíblia fala-se em "sacrificar um filho por Deus".

Todas as religiões devem ter igual importância na sociedade. Aceitar e respeitar é o lema.

Não quero desvalorizar as crenças das outras pessoas.

As religiões têm todas igual importância visto que todas têm o mesmo objetivo de diferentes formas, além de terem como base valores e ideais semelhantes.

Não se trata de a considerar mais importante mas incentiva a boas práticas, a ser uma pessoa melhor, a influenciar os outros para terem uma vida melhor, essencialmente dando valor ao que realmente importa (família, deus, amor...).

O que importa é a nossa busca por conhecer mais de Deus. E o que criou várias religiões ao longo dos anos foi a ambição do homem pelo poder.

Não é a melhor, tem defeitos como qualquer outra religião,  
apenas vivemos o cristianismo na prática e isso faz a diferença.

Porque não entendo como religião, mas sim forma de vida.

Melhor do que as religião que puxam a violência e  
discriminação.

Porque é a verdadeira.

Quando cremos em absolutos, sendo a verdade absoluta, então  
tudo o que não seja a verdade é errado e pernicioso.

---

*Religiosa*

Porque aceita e respeita todas as outras.

Claro, é Cristo e Cristo é o criador.

Deus é grande.

Deus é um só. Nós é que insistimos em dividi-lo por várias  
religiões.

Há religiões que levam as regras com mais precisão.

Vivência em comunidade, respeito pela vida, amor a todos,  
esperança e sentimento de ser profunda e incondicionalmente  
amada por Deus.

Os caminhos para Deus são válidos desde que feitos em verdade  
e tragam felicidade ao ser humano e respeito pelos outros.

Porque tudo faz sentido com o que acreditamos.

Deus há só um, apenas há diferentes caminhos para chegar ate ele.

Porque creio que é o caminho que conduz à verdade.

Tento seguir Jesus e, por isso, ser tolerante.

Porque a minha religião é Jesus, é Jesus que eu sigo, é Jesus que eu adoro.

Aqui não se trata apenas de uma religião, mas sim de servirmos o que Deus tem para nós. A verdadeira importância não é servir a religião mas sim a Deus.

Escolhi a opção indicada porque nós cristãos, seguimos a Jesus, um Deus vivo, e que Jesus morreu por nós pelo nosso pecado, ele morreu para que tenhamos vida, vida eterna. É uma igreja que segue somente Jesus e Deus. E nós é que somos a igreja.

Não somos mais nem menos do que ninguém, somos todos iguais para Deus.

Porque sem Deus eu não sou nada.

Não é a religião que considero melhor mas a pessoa que servimos e amamos. O senhor Jesus Cristo o único que deu a vida pela humanidade e é o grande e todo poderoso criador de tudo.



Crer em Deus.

As religiões valem pelo cumprimento da palavra de Deus contida na bíblia. Por isso, e porque a minha religião cumpre a palavra de Deus, é melhor.

Porque segue um propósito que nos foi deixado e que muitas vezes é esquecido, que é a palavra de Deus (Bíblia).

Religião é uma forma de buscar Deus, não tem uma melhor que a outra, Deus é o mesmo.

Não há outro caminho na vida que leve a vida eterna a não a ser Jesus Cristo que se entregou por nós. Para que nos possamos arrepender dos pecados e através da vida Dele em nós possamos ter nova vida.

Pois Ele leva-nos ao conhecimento da verdade, que Jesus é o único caminho, a única verdade e o único que dá vida.

Há um só Deus e um só mediador entre os homens, ao qual lhe foi dado o poder de ser chamado Filho de Deus. Outras religiões usam atalhos ou seja, imagens e ídolos para intercederem por eles e isso é proibido na bíblia Internacional, que todas as religiões têm.

Assim como tem igrejas que falam/praticam a verdade tem igrejas que não falam/praticam o que é correto segundo a bíblia. Eu acho que o importante é que ouçam a verdade, apesar de

querer sempre trazer para a minha igreja. Respondi "Igual importância à 9.1 e 9.2, porque dizer que somos melhores seria um orgulho (algo condenável pela bíblia), somos diferentes, na verdade.

Não há melhor ou pior, desde que preguem e pratiquem o que está escrito na Palavra de Deus.

Pela razão que escrevi anteriormente, Jesus é a verdade, Ele mesmo disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim” João 14:6. Só podemos olhar para as afirmações de Jesus de três formas, ou Ele era louco, ou era mentiroso, ou Ele era tudo aquilo que Ele afirmava ser, Deus encarnado!

Porque a religião Evangélica segue o evangelho primitivo de Jesus.

Ninguém possui a verdade absoluta. Deus é demasiado grande para ser totalmente apreendido e conhecido pelo homem.

Considero que o grupo a que pertenço se esforça por viver e praticar a sua fé, mas reconheço que, na nossa fragilidade humana, todos cometemos erros. Nem que seja devido à nossa formação e cultura, que implicam na nossa compreensão e vivência de Deus.

O grupo onde pertenço considero que é honesto e fiel aos princípios mas como o mais importante é conhecer Deus. Não

hierarquizou religiões.

Deus é amor, não há ninguém como Ele!

O mais importante não é a religião, mas um relacionamento  
sadio com o criador.

Verdade bíblica.

João 14:6 I João 5:10-13 I Coríntios 15:12-19

O sangue é o sinónimo de sacrifício desde as trevas / feitiçaria  
ao reino celestial. Todos os pactos, antigamente e hoje, na  
feitiçaria são feitos com sacrifícios de sangue de crianças ou  
animais. O Cristianismo é a única religião que reconciliou a  
humanidade a partir do sangue, quebrando todos os pactos  
anteriores. Não era sangue de um rei qualquer, era puro, do Rei  
dos reis, Jesus Cristo de Nazaré, Adonai, Elohim, Kadosh!

Não acredito que alguma religião seja perfeita, porque são  
moldadas e criadas por homens; o que realmente interessa é o  
nosso relacionamento com o único Deus, o Deus da Bíblia. E aí,  
a comunidade a que pertenço, a igreja, a suposta “religião” é  
daquelas que encontrei que mais me ensinam e levam a  
conhecer Deus como Ele é.

Possui milhões de crentes, pelo que é responsável em certa medida pela personalidade de cada um, incluindo dos crentes a que chamamos "cegos seguidores".

Considero que é uma religião de maioria com grande importância, sim.

A religião cristã é a mais antiga e a mais falada.

Porque é a que sigo, a que me foi ensinada e que é a mais correta.

Penso que a católica e cristã evangélica são as religiões de maior expressão.

---

*Liberdade de*

Importante para cada pessoa.

*Escolha/*

*Idiossincrático*

Porque todos nós temos as nossas crenças e temos direito de escolha.

Cada um é livre de escolher a religião, não julgo a opção de cada um.

A minha religião identifica-se com as minhas convicções, respeito da mesma forma outras maneiras de pensar. Quem sou eu para achar que somos melhor ou pior.

Cada pessoa tem direito às suas opções, incluindo a escolher a sua religião e cada uma é importante à sua maneira para as pessoas que fazem parte dela.

Cada indivíduo tem as suas crenças e as mesmas não devem ser comparadas em termos de discriminação. Questionadas, sim.

Acho que a religião vem de dentro, do que se sente e daquilo em que se acredita, por isso não há religiões mais importantes que outras. Há um viver e um sentir distinto de religião para religião.

Pois cada um, independentemente de não escolher viver integrado nesse meio, tem a opção de mudar.

Porque cada um acredita no que quer.

Pela percepção que tenho.

É tão importante, mas para mim é melhor.

Cada pessoa é um indivíduo único e tem as suas crenças e identidade. Pelo que não há ninguém melhor que ninguém, assim como não há religião mais importante que outra.

Cada pessoa tem as suas crenças, pelo que respeito as escolhas religiosas de todos. Claro que não concordo com todas, mas cada um é livre. Deste modo, penso que todas as religiões devem ter igual importância na sociedade.

Cada religião tem a sua importância. Lá por eu praticar uma, não

quer dizer que a minha tenha mais importância do que as outras.

Esta resposta vem em função de que cada religião tem a mesma importância para quem crê nela.

Todas as religiões têm a sua importância e existe liberdade de escolha.

Porque é a religião que tenho e frequento e que para mim é a melhor.

Somos todos iguais.

Todas as religiões são importantes para quem acredita nelas.

Não acho que seja melhor, apenas não identifico.

Não acho que seja a melhor porém na minha opinião a mais verdadeira e o que faz sentido na minha vida.

Não me interessa se é melhor ou pior, é a minha. Sinto-me bem.

Para mim é.

Somos todos iguais e todos livres de escolher.

Livre Arbítrio.

Porque faz na minha vida.

Pela liberdade que existe e pela ausência de religiosidade.

Considero que é a mais verdadeira e lógica. Faz todo o sentido

para mim.

Sinto que a minha religião me transmite os valores pelos quais quero reger a minha vida, porém, apesar de a preferir às outras, considero que cada religião tem os seus princípios e cada um deve seguir os que prefere.

Eu, a meu ver, é lógico que acho que a minha é a certa, mas sei, logicamente, que tem outras pessoas que acham o mesmo e que estão bem.

Acreditam noutras coisas.

Todos como seres humanos somos e temos nossas qualidades ou defeitos independente de religião.

Não há religiões mais importantes do que outras, já que todas são importantes para o bem-estar do seu aderente/praticante.

---

*Não sabe/ Não  
responde*

Não sei explicar.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Cada religião tem a sua importância.

Nenhuma religião é melhor que outra, todas têm pontos bons e pontos maus.

Todos os nós vão dar a Roma.

Qualquer religião é importante.

Considero todas iguais.

Ninguém é melhor que ninguém, tal como a religião.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Acho que todas tem importância.

*(Item 9.3.1 - Na sua opinião, são características melhores ou piores em relação à sua*



religião? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “piores características” e 7 a “melhores características”))

Item 9.3.2 - Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.

---

<i>Variabilidade entre Religiões (Inerente à Religião)</i>	Apesar de achar que existem características distintas conforme as diferentes religiões, não creio que seja melhores ou piores que as que caracterizam a minha religião.
--	---

Cada qual tem a sua importância.

Porque há dois versos da moeda, há características que caracterizam a religião católica muito boas mas também há outras não tão positivas, tal como em todas as religiões.

Desde que as características permitam o contacto intercultural não creio que a minha religião tenha melhores características que as restantes. Respeito a crença de cada um, dado que, muitas vezes e na larga maioria, o ser humano não escolhe a sua religião, mas sim é incutida desde o seu nascimento.

São características apenas diferentes, nem piores nem melhores.

A minha não impõe regras específicas no quotidiano.

Existe algumas característica positivas tais como outras negativas.

Não são melhores nem piores são diferentes.

São apenas diferentes.

Se tivermos em atenção a religião budista, os crentes satisfazem-se consigo mesmo e com ensinamentos sábios, que têm de levar à perfeição, este é o único caso que considero ser um pouco melhor do que nos católicos. Em relação a outras religiões, acho por exemplo completamente atroz os Testemunhas de Jeová, que na hora decisiva de, por exemplo, verem um filho em aflição a precisar de uma transfusão de sangue não o fazem e metem o filho apenas nas mãos de Deus, nem sequer sangue filtrado deixam utilizar.

Não são melhores nem piores, são apenas diferentes. Há características que diferenciam cada um dos grupos religiosos. se assim não fosse, existiriam então apenas uma religião comum.

Porque não têm que ser melhores ou piores, apenas diferentes.

Cada religião tem as suas características dependente da opinião de cada um.

Ser amigo do próximo, seguir os mandamentos. Não podemos esquecer que a religião foi criada conforme leis. E eu sigo essas leis, tento não as transgredir (ser mau).

Cada grupo religioso tem uma forma própria de viver a fé, isso

não faz com que seja melhor ou pior, apenas são diferentes.

Nem melhores nem piores, diferentes

Não é uma questão de ser pior ou melhor que ninguém. São diferentes.

Uma árvore dá muitos galhos, mas nem todos são iguais.

As características não são melhores/piores são diferentes e com um alvo diferente.

Não são melhores ou piores, são diferentes

Como já disse, não são melhores nem piores, são diferentes.

Depende das religiões/ das igrejas. A falta de compreensão, de tolerância, de ensino, pode levar pessoas à violência, ao fanatismo religioso, e isso pode acontecer em qualquer religião.

---

*Igualdade*

As religiões são iguais.

*Religiosa*

Acho que, na questão das religiões, não há piores nem melhores.

Não considero que haja características melhores nem piores.

Igual.

Há características boas e más em todas.

Nem melhores, nem piores.

As características existentes apenas funcionam como algo que orienta e é específico de cada grupo, dados os ideais e as práticas de cada grupo, não se tratam de serem melhores ou piores, são apenas diferentes neste sentido, mas semelhantes nos valores e ideais base.

---

*Uso de*

Sem respeito ou integridade.

*Estereótipos*

Alguns são radicais e fanáticos.

A minha é a menos extremista em quase tudo. Exceto talvez o hinduísmo ou o Budismo.

Existem religiões que exigem uma mensalidade para pertencer à igreja (não concordo com isso nunca). Existem outras religiões que levam a práticas extremas ou excessivas. Outras que “exigem” determinadas ações para que sejam aceites num grupo ou religião. E nunca senti que isso acontecesse na católica. Posso, no entanto, estar enganada e desconhecer esse facto.

Muito dinheiro gasto em igrejas.

Menos hipócritas.

São características distintas, quer no à vontade, na maneira de vestir, na maneira de ver as mulheres ou no respeito pelos

outros. Se não respeitar as mulheres é negativo, no islamismo, o respeito pela natureza e pelos outros, no budismo é o oposto.

Um cristão que aprende e pratica o evangelho de Cristo tem qualidades como: amor ao próximo, honestidade, integridade, entre outras características.

Alguns são mais fanáticos

A maioria das outras religiões são surreais, irreais, pouquíssimo fiáveis e enfadonhas.

As pessoas que possuem a religião católica são guiadas por doutrinas que na minha opinião são obsoletas.

Não praticam o que falam. Muitos só acham que são, não têm certeza. Outros então são mesmo contrários ao que a Bíblia diz e afirma.

Em relação a certas religiões que puxam a violência.

---

*Idiossincrático* Não considero melhor ou piores, mas talvez complementares. E tem a ver com identificação com as características/valores com que cada um se identifica. Eu posso não me identificar com determinadas características/valores/crenças de outra cultura, e não compreender mesmo a razão dessas características, mas não implica que seja pior ou melhor.

Por causa das características serem diferentes de cada indivíduo.

Como disse atrás, continuo a achar que cada um tem o direito de escolher a religião com que mais se identifica.

O termo de comparação é sempre o que temos sem conhecer bem o outro lado. Os problemas nem são tanto especificamente religiosos, mas sobretudo de relações humanas e educação pessoal.

Nas outras religiões posso achar que há coisas piores, mas eles acham que não, e vice versa.

O facto de uma religião ter melhores ou piores características depende das opiniões e gostos dos seus fieis.

Em todas as religiões há o bem e o mal, tudo depende também do carácter da pessoa e se quer viver segundo as verdades bíblicas.

Depende muito da visão de cada um. Alguns têm uma visão ampla sobre o que Deus quer transmitir através da sua palavra ou apenas estão ligados à religião. Eu sigo Deus.

Não acho que seja melhor nem pior, depende da perspectiva que cada um dá.

Porque foi o que achei.

Cada indivíduo possui a sua própria característica, a qual se pode adaptar melhor à forma em como a palavra é dirigida ou

aceite.

Pela mesma razão atrás referido (livre arbítrio).

Não existe melhor ou pior, a igreja é feita de pessoas, somos falhos e as nossas atitudes revelam o melhor ou o pior daquilo que nos é transmitido. Temos a liberdade de escolha. No nosso caso tentamos, em unidade e ao máximo, dar e ser o melhor que podemos ser para que possamos honrar a Deus, é isso que nos ensinam.

Tudo depende da atitude da postura de cada um de acordo com os ensinamentos que tem. Se é ou não transformado por querer a vontade de Deus.

Escolhi no meio porque tudo depende da pessoa, não sei bem como explicar. É neutro.

Porque o ser humano é falho e um ser individual. E, por algum momento, todos, como seres individuais, podemos ter atitudes mais louváveis ou reprováveis que outros.

Onde existem corações sinceros e humildes, não somos ninguém para julgar.

Há pessoas sinceras em todas as religiões, mas os seus fundamentos e práticas é que podem não ser baseados na verdade.

---

<i>Legitimidade da própria Religião</i>	A verdade da palavra de Deus, só a verdade conta. Jesus é a verdade o caminho e a vida.
---	--

Porque é uma religião que segue somente os mandamentos de Deus.

Porque considero o mais correto segundo o meu entendimento e conhecimento da palavra de Deus.

Piores quando fogem da verdade, que é o Deus vivo o único que tem o poder da vida e da morte nas mãos.

Por não cumprirem os preceitos e leis bíblicas.

A religião apenas é relevante ou trás benefícios se é colocada em prática.

Tem características que não condizem com a bíblia.

Novamente, sendo a verdade absoluta e dizendo o Cristianismo Bíblico que Jesus Cristo é o único caminho para Deus, pelo seu sacrifício perfeito pela igreja e ressurreição dos mortos, então todos os outros caminhos, levam à perdição eterna. Toda a doutrina que não é verdadeira é falsa e engana os Homens.

Diante de Deus ninguém consegue ser perfeito ou cumprir todos os Seus ensinamentos e expectativas.

Segue a bíblia.

Não gosto de comparar religião. Jesus, sim, é a única verdade.



João 3:16.

---

*Não sabe/ Não  
responde*

Acho esta pergunta muito estranha.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Por não conhecer o básico sobre as outras religiões, como não participo, não tenho conhecimento.

Opinião neutra.

Não sei.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Características melhores.

Por serem menos numerosas.

Quando se trata de fanatismo extremo acho que se pode tornar mau.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

*(Item 9.4 Considera que os ensinamentos fornecidos pela sua religião são mais fiáveis do que os das outras? (Assinale de 1 a 7 a opção que considera mais relevante, sendo 1 equivalente a “igualmente fiáveis” e 7 a “mais fiáveis”))*

*Item 9.4.1 - Explique um pouco por que razão escolheu a opção assinalada.*

---

*De acordo com a*      Valores morais (é mais fiável pelos valores morais

Nós temos um livro.

Porque há religiões muito diferentes da minha, e que transmitem ensinamentos que não cooperam com a vida em sociedade e a vida humana.

Não conheço os restantes ensinamentos, mas reconheço alguns bons valores que aprendemos enquanto jovens cristãos.

Temos um livro aprovado pelo IPMA.

Por serem baseados na bíblia.

Deus é só um, por isso os ensinamentos na minha religião têm a mesma fiabilidade que nas outras.

Todos procuramos o mesmo. Independentemente das provas que há ou do quão 'fiáveis' são. Eu não posso ver o açúcar numa chávena de chá, mas posso senti-lo; não posso ver o vento, mas posso sentir a sua brisa suave, porque nem tudo se vê ou se comprova de modo "fiável". Há em nós tantos sentidos ativados ao mesmo tempo, como ignorar o que sentimos? Não só quando me coloco diante de Jesus, mas quando posso sentir este amor em mim, um amor que transborda. O que importa no fundo, não é a religião que vivo ou não, o importante é o que isso muda em mim, como é que isso me muda e me impele a mudar as coisas à minha volta. Haverão cristão criminosos, haverão budistas

mentirosos, haverão muçulmanos que não fazem Ramadão.  
Poderemos dizer que esses não são os verdadeiros cristãos,  
budistas ou muçulmanos, e que não vivem a verdade da sua fé.  
Por isso digo que o que importa é o que faço com aquilo em que  
acredito, de que vale saber a Bíblia inteira se as minhas ações  
forem contraditórias a este amor?

Se não achasse que fossem fiáveis não estaria neste caminho  
religioso. Existem elementos de verdade em todos os caminhos  
mas aquele que se escolhe em consciência e liberdade é o que  
nos faz melhores pessoas e nós faz chegar a Deus.

Porque nós seguimos as ordens da pessoa que está sentada no  
trono de S. Pedro (um dos apóstolos de Cristo).

O que aprendemos é bíblico e é ensinado de forma a colocarmos  
em prática no dia-a-dia.

São mais fiáveis pelo facto de vermos a verdade na vida das  
pessoas. Falamos claramente da bíblia e não sobre o que  
queremos, mas sim ela por completo.

Porque se baseia na bíblia e nada mais.

Porque creio que a bíblia é a palavra de Deus e a verdade.

Porque o evangelismo defende Jesus vivo.

Seguimos a palavra de Deus. Algumas como a católica muitas  
vezes fala o mesmo que nós.

Porque tudo é explicado, tudo é seguido conforme a palavra de deus. Um deus vivo.

Se for com Deus e a palavra e o ensino de Deus, é igualmente fiável.

O que acontece em muitas outras igrejas é que a mensagem que é passada não é a vivida e na minha igreja temos muitos bons exemplos de que a mensagem não é só o que pregamos mas também o que vivemos. Considero também mais fiáveis porque tudo o que é falado está presente na bíblia. A palavra de Deus o que é verdadeiro.

Porque eu acredito no que Deus faz na vida das pessoas.

São fiáveis porque nos orientamos pelas ordenanças leis e estatutos agradáveis a Deus e não são vontades humanas cheias de falhas e sim perfeitas porque Deus não falha nunca. Ele é o alfa e o ómega. Ele é o El Shaddai. Ele é tudo. E sem ele não somos nada. Ele nos deu a vida e é para a eternidade, não somente para alguns anos aqui nesta terra mas para a eternidade. Pois nu viemos e nu voltaremos, mas o pó a nossa carne volta para o pó mas o nosso espírito volta para Deus e o Espírito nunca morre.

Não é a minha religião que fornece ensinamento, eles estão todos na Bíblia, a igreja somente no-los explica e nos incentiva a cumpri-los.

Religião é só uma base para você ser cristão. Afinal vamos todos para o mesmo lugar. Quem salva é Jesus e não a Igreja.

Para mim sim, pois estudamos a bíblia.

Baseia-se apenas e só na bíblia.

Pois todos os ensinamentos são baseados na bíblia.

Pois são totalmente baseados na bíblia.

Temos uma diferença bem visível, é utilizada uma linguagem simples e contextualizada, o que nos permite praticarmos os ensinamentos.

Porque guardamo-nos das coisas más do mundo e não as usamos sabendo que elas nos matam. O que o mundo dá é passageiro. O que Deus nos dá é para nosso bem e é eterno.

A minha religião rege-se totalmente pela bíblia, em que acreditamos ser totalmente verdadeira e inquestionável.

Como teve uma resposta que já dei, tem igrejas que não pregam a verdade, e não pregam o que está escrito, para não perderem fiéis, que está errado, quer a pessoa goste ou não deve ouvir a verdade .

Vejo que pelo que está escrito na bíblia, nada é ocultado e tanto falamos de coisas banais como de coisas que uma pessoa poderia ouvir e sair da igreja a correr porque está escrito e traz

vergonha ou medo e não se ouve em outro lugar.

Tal como já referi não há boa ou má, há é maneiras de praticar o Palavra de Deus, Ela é viva e eficaz, por isso amo ao meu Senhor, Ele é o centro da minha vida, sem Ele nada faria sentido.

Temos os factos históricos, que corroboram muita da narrativa bíblica, temos as profecias já cumpridas com uma precisão estonteante, e temos também outra razão que é muito evidente, que é a mudança radical de vida que se observa naqueles que professam Cristo como seu Senhor e vivem de acordo com a Palavra de Deus.

Porque todas pregam a fé cristã.

Segue a bíblia.

São de acordo com a Bíblia.

Porque estão fundamentado na Bíblia que é a palavra de Deus.

Como já disse, o cristianismo é a única verdade.

Sim, a Bíblia é o melhor padrão para o homem viver bem.

Não sendo perfeito procura pautar-se pela Bíblia Sagrada como um todo.

Desde que a bíblia seja a palavra de Deus pregada.

Do momento em que este ensino é baseado na Biblia e na

Salvação pela graça no sacrifício de Jesus na Cruz.

João 3:21.

Faz-se de tudo para seguir com as indicações de Jesus Cristo: amor, fortalecimento do espírito pela Palavra, libertação dos cativos e cura.

É difícil colocar tudo debaixo da mesma religião, porque mesmo na mesma religião há muitos grupos. Por enquanto, na minha comunidade, sinto que estou muito bem e se fala a verdade baseada na Bíblia, no momento em que venha alguém contradizer o que está escrito, não me vou calar e se tivesse de mudar, mudava de igreja/comunidade.

---

*Histórica/Factual* Factualmente, é difícil dizer que uma religião é mais fiável que a outra, no sentido em que todos os ensinamentos de qualquer religião estão altamente deturpados pela interpretação que foi feita ao longo de milhares de anos.

Existe alguma distorção histórica em todo o lado, mas é um pouco mais fiável que, por exemplo, os ensinamentos ainda hoje em dia dados pela religião muçulmana.

Provavelmente por ser a mais antiga, mas não acredito que seja assim muito mais fiável do que as outras.

Porque é a única com fundamentos históricos, científicos e que



ainda se revelam nos dias de hoje.

Têm por base factos devidamente provados e comprovados e realmente verdadeiros.

A Bíblia é um livro antigo escrito por cerca de 40 autores diferentes no espaço de cerca de 1500 anos, em que as cópias mais antigas são muito próximas aos originais e em maior quantidade que qualquer outro livro antigo. Quem os escreveu afirmou ser inspirado pelo Espírito Santo, todos esses livros revelam uma mesma história, testificada por Deus, com milagres comprovando sua inspiração divina, cheios de profecias já cumpridas infalivelmente, a maior parte comprovadas pela história e arqueologia. O Novo Testamento por exemplo foi escrito por testemunhas oculares da ressurreição de Jesus Cristo, ou por testemunhas dessas testemunhas, sendo muito deles martirizados por se recusarem a negar sua crença que testemunharam. Ninguém morre por algo que acredita ser mentira. Podem morrer por algo falso, mas sempre acreditam ser verdade. Na primeira carta aos Coríntios, por exemplo, Paulo afirmou que, de 500 pessoas que uma vez viram juntos a Jesus Cristo ressuscitado, a maior parte estava viva e era possível inquiri-los pessoalmente. A Bíblia está de acordo com evidências históricas extra bíblicas, e a verdadeira ciência, a ciência bem feita, ao contrário de falsas teorias incapazes de serem provadas com evidências científicas, foi pelo método

científico, não nega a Bíblia. Pelo contrário, a Bíblia à cerca de 3000 anos atrás já afirmava verdades científicas só há pouco comprovadas pela ciência. A Bíblia é coerente com nossa realidade pessoal, íntima e com a realidade social. Ao contrário do que muitos pensam, a Bíblia é extremamente credível.

---

*Importância*

Cada qual tem a sua importância

*Inerente a cada*

*Religião*

Cada religião é importante à sua maneira.

Acho que na questão das religiões não há piores nem melhores.

Cada religião tem algo a ensinar, ainda que não seja a minha e ainda que eu não concorde com tudo.

Cada religião tem as suas próprias bases.

Na base de cada religião está o respeito pelo outro e o fazer bem pela sociedade. Existe grupos extremistas que distorcem o que é ensinado na base da sua religião e acham que matar pela religião é o ensinamento, levando também a uma distorção da realidade de uma religião.

Cada religião tem as suas crenças, pelo que os ensinamentos são tão fiáveis com os da minha religião.

Cada religião tem as suas bases e crenças.

Cada um ensina o melhor que sabe aquilo em que acredita. Se não existem religiões superiores, não existem ensinamentos mais fiáveis.

---

*Idiossincrático*

Como se costuma dizer “cada maluco com a sua ideia”. São todas importantes e válidas.

Considero que cada crente os considera fiáveis.

Porque todos temos as nossas crenças e todos os ensinamentos relacionados com a religião são bons.

A mesma resposta atrás.

Não podemos fazer juízos de valor em relação a forma de pensar de cada um.

São tão fiáveis para mim como os ensinamentos das outras religiões são para essas pessoas.

Tanto na católica como noutras religiões não existem provas da existência de nada, creio eu. São apenas crenças , apenas fé .

Tanto é fiável aquilo em que acreditamos. Como aquilo que os outros acreditam. No entanto, se defendo mais a minha religião e porque as restantes podem ter práticas com as quais não concordo.

Para mim, são mais fiáveis.

Como disse anteriormente, respeito as crenças dos outros, pelo que, apesar de os ensinamentos da minha religião terem para mim maior fiabilidade, os outros acabam por também ter o mesmo grau de fiabilidade para com os que neles acreditam.

Escolhi esta opção uma vez que todos os ensinamentos de cada religião são fiáveis para quem acredita.

Cada um acredita naquilo que quer.

Porque me revejo nas práticas da minha religião e considero-as relevantes e mais fiáveis em relação as outras, nesse sentido.

Igualmente fiáveis. Cada um acredita no que quer.

Porque é o que eu acredito.

Somos introduzidos numa religião pelos nossos pais e educadores. Não possuo elementos em que me possa basear para dizer que a minha religião é mais ou menos fiável que as outras. É apenas a religião em que acredito.

Para mim são, fazem toda a diferença

Sim, como referi anteriormente, segundo o meu conhecimento e entendimento parece ser o mais correto.

Porque nos dá mais alegria.

Porque é nela que acredito e pela experiência que me tem dado,

desde que a sigo.

Por viver por experiência própria, o que a minha ensina e não ver o mesmo nas outras.

De outro modo não poderia identificar-me com o que não concordo ou acredito.

---

*Semelhança entre  
Religiões*

Penso que são igualmente fiáveis, porque na maioria dos casos visam o bem e não o mal. No entanto, algumas religiões têm crenças com as quais não concordo e que colocam em causa a vida humana, mas isso tem essencialmente a ver com as crenças de cada um e não considero que seja mais ou menos fiável.

Tudo igual.

Porque são iguais, ou muito parecidos, onde os ensinamentos querem o bem.

Eu acho que as religiões não são assim tão diferentes umas das outras, na sua essência e objetivos são muito semelhantes, embora com percursos um pouco distintos.

Tudo tem a mesma importância. A principal diferença entre o catolicismo e o islamismo é o profeta, o resto não é assim tão diferente e é aceitável, caso não se leve a ideias loucas que hoje em dia se faz invocando a religião para atos terroristas. Não nos podemos esquecer que os católicos até ao século XIV ou XV

cometeram enormes atrocidades.

São religiões diferentes e adorações e ritos diferentes. Mas com a igual finalidade de estabelecer uma ordem social.

Muitos ensinamentos são semelhantes, mas transmitidos de forma diferente.

Cada religião tem a sua teoria, mas no fim acabam por abordar todas o mesmo tema.

Porque as religiões acabam por andar à volta da mesma coisa.

Todos têm o mesmo princípio da manipulação e do não questionamento daquilo que é ensinado.

A religião pode ajudar a moldar as pessoas, mas mais importante que os ensinamentos, é a capacidade de, como tantas outras coisas, unir as pessoas e é aí que existe partilha de ensinamentos.

Os ensinamentos são semelhantes pois os ideais e valores são semelhantes, logo, a fiabilidade será igual.

---

*Não sabe/ Não*

*responde*

Não sei explicar.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Devem ser respeitados de igual modo.

São ideologias e doutrinas.

Claro, igualmente fiáveis.

Através das notícias.

Há muita coisa que é fé, sem provas científicas e há que o aceitar como tal.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não responde.

Não é ser mais fiável, mas são bons e verdadeiros.



## Anexo C - Consentimento Informado



Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

### Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar na investigação de Jorge Filipe Henriques Lopes dos Reis Catarino, estudante da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Compreendo que esta investigação está a ser realizada no âmbito da dissertação de mestrado do estudante, que tem como tema “Distintividade Ótima e Identidade Social em grupos religiosos”, sob orientação do Prof. Dr. José Manuel Palma-Oliveira. Compreendo que este estudo se propõe a conhecer melhor quais os aspetos que podem ter influência na identidade social e na perceção de inclusão e diferenciação por parte de grupos religiosos cristãos, sendo para isso necessária a recolha de dados junto de participantes de diversos meios religiosos. Compreendo ainda que a aplicação dos questionários e a sessão experimental para tal efeito terá lugar apenas uma vez e durará entre 15 a 20 minutos e todos os dados fornecidos são anónimos e confidenciais, destinando -se apenas à investigação e não serão pedidos dados que permitam identificar o participante. Os resultados da presente investigação não refletem as respostas dos indivíduos, mas sim dos grupos. Declaro também que compreendo que a participação na presente investigação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Para esclarecer qualquer dúvida pode contactar o investigador pelo seguinte correio eletrónico [jorge.catarino@campus.ul.pt](mailto:jorge.catarino@campus.ul.pt).

\_\_\_\_\_(Participante)

\_\_\_\_\_(Data)